

Faculdade Canção Nova

Amanda Cristina da Cruz Silva

Revista *piauí*:
apropriação histórica para a compreensão da pandemia

**Cachoeira Paulista
2021**

Faculdade Canção Nova

Amanda Cristina da Cruz Silva

Revista *piauí*: apropriação histórica para a compreensão da pandemia

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como exigência parcial para obtenção do grau de bacharel em Jornalismo na Faculdade Canção Nova sob a orientação da Prof^a. Me. Ioná Marina Moreira Piva Rangel.

**Cachoeira Paulista
2021**

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus por ter me dado forças para continuar diariamente a escrever este TCC. Foram meses difíceis e de momentos conturbados.

À minha mãe que sempre me incentivou a não parar e deixar para trás o meu sonho de ser jornalista.

Aos amigos da faculdade, pois, sobrevivemos às aulas online em tempos de pandemia e isolamento social.

Agradeço também aos meus professores da graduação por todo o aprendizado e sabedoria. Em especial, a minha orientadora, a Prof^a Me. Ioná Marina Moreira Piva Rangel, pela paciência, ensinamentos, correções e o constante estímulo para finalizar este trabalho.

Também agradeço a banca avaliadora. À Prof^a Dra. Vaniele da Silva Barreiros pelo carinho em cada palavra durante as aulas e ao Prof^o Me. Diego Amaro de Almeida que me estendeu a mão quando eu precisei.

Aos companheiros de trabalho no estágio da Câmara Municipal de Guaratinguetá, em particular, ao assessor de imprensa, Danilo Ribeiro, pela amizade, experiências compartilhadas e empréstimos de livros sobre Jornalismo.

Enfim, agradeço a todos que, direta ou indiretamente, torceram por mim e colaboraram para a conclusão deste trabalho.

“Pois, se for um profissional de bom nível, o jornalista poderá sair-se bem como historiador. Com algumas vantagens sobre o historiador acadêmico: um faro mais apurado para o que interessa à grande massa de leitores e uma facilidade maior de acesso às fontes de informação. Afinal, fomos treinados para saber lidar com pessoas e delas extrair boas histórias” (NOBLAT, 2008, p. 30).

RESUMO

Na pandemia da Covid-19 que teve início no mundo em 2020, veículos de comunicação trabalham para que as informações sobre a doença cheguem até o público. Esta pesquisa tem como objeto de estudo a análise de duas reportagens publicadas na revista brasileira *piauí* em dois momentos: maio e dezembro de 2020, períodos estes, que presenciaram os maiores picos da doença. O objetivo desta pesquisa foi analisar as construções textuais jornalísticas e fundamentações históricas utilizadas nas matérias selecionadas sobre a pandemia da Covid-19 na revista *piauí*. Demonstrou-se a relação de História e Jornalismo nos conteúdos selecionados sobre a pandemia que utilizam aprofundamento histórico. Para tanto, no desenvolvimento seguiu-se as referências de teóricos das duas áreas de conhecimento para a compreensão das práticas jornalísticas e dos conceitos históricos que foram trabalhados pela revista. Seguiu-se assim como metodologia, as etapas de estudo sobre as práticas, conceitos e métodos utilizados por jornalistas e historiadores na produção impressa. Ainda, para os estudos das matérias através da análise de discurso para entender a estrutura textual que as reportagens foram construídas pelos profissionais. Nas longas páginas das matérias analisadas sobre pandemia, pôde-se observar como a contribuição da História no Jornalismo tornou-se necessária para o leitor conhecer fundamentos que envolvem questões importantes para a sociedade como a saúde pública.

Palavras-chave: Jornalismo; História, análise; pandemia; Revista *piauí*

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
CAPÍTULO I: JORNALISMO: ENTRE TÉCNICAS E PRÁTICAS	10
1.1 Gêneros jornalísticos	11
1.1.1 Jornalismo informativo	12
1.1.2 Jornalismo interpretativo	13
1.1.3 Jornalismo opinativo	14
1.2 Jornalismo de revista	16
1.3 Desenvolvimento de reportagens	18
CAPÍTULO II: HISTÓRIA E JORNALISMO	21
2.1 Historiador e jornalista	24
2.2 Profissões em discussão	27
2.3 Apuração, pesquisa e História	30
CAPÍTULO III: ANÁLISE DAS REPORTAGENS	33
3.1 Revista <i>piauí</i>	33
3.2 Descrição dos processos metodológicos	35
3.3 Reportagens selecionadas	38
3.4 Análises	40
3.4.1 Presença de datas	41
3.4.2 Fatos comparativos	45
3.4.3 Fontes de pesquisa	49
CONSIDERAÇÕES FINAIS	56
REFERÊNCIAS	59
ANEXOS	63

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Presença de datas nas reportagens	44
Tabela 2 - Fatos comparativos nas reportagens	49
Tabela 3 - Fontes pesquisadas nas reportagens	55

INTRODUÇÃO

A revista *piauí* é um periódico jornalístico publicado mensalmente atuante há cinco anos no mercado, seja da forma impressa ou digital da comunicação do país disponível aos mais diversos leitores do Brasil. Entretanto, acadêmicos defendem o direcionamento da revista para públicos específicos como intelectuais, estudiosos e formadores de opinião: “Acreditamos que sim, posto que acreditamos que a revista se destina a um nicho já constituído, com suas predileções e, portanto, identificações já estabelecidas” (ROLLEMBERG, 2014). Assim, as reportagens produzidas pela revista abordam assuntos de áreas diversas como política, economia, cultura, entretenimento, críticas, entre outros.

“A notícia revestida de interesse humano, que mostre as dificuldades, os prazeres e a história de cada pessoa e que tenha lições a oferecer ao próximo, é que mais leitores encontra (ERBOLATO, 2003, p. 182). Desta maneira, para trazer essa proximidade de conteúdo com o leitor, o tema deste trabalho é analisar como a revista *piauí*, através de algumas reportagens, apropria-se do campo histórico na compreensão de questões que afetam diretamente os indivíduos. A pandemia da Covid-19, por exemplo, tornou-se relevante em 2020 e 2021 pelas consequências e impactos em todos setores ao redor do mundo. Assim, com leitores interessados por respostas à nova epidemia, fazem com que jornalistas busquem fundamentos no passado como auxílio para a explicação de fatos do presente.

Nesta busca por informações que existem por trás da pandemia e descobertas sobre o surto da doença através dos veículos de comunicação, questiona-se como a revista *piauí* se apropria da História como proposta de diferenciação editorial? Qual o diferencial e características desse tipo de reportagem? Quais critérios jornalísticos foram utilizados na construção das matérias relacionadas à pandemia na revista? Sendo assim, algumas matérias sobre a pandemia da Covid-19 na *piauí* sugerem ter sido construídas acerca de fundamentações históricas proporcionando a imersão do leitor para a compreensão da doença no país.

Diante disso, este trabalho tem como objetivo geral analisar as construções textuais jornalísticas e fundamentações históricas utilizadas pelos jornalistas nas

reportagens que foram selecionadas sobre a pandemia da Covid-19 produzidas para as colunas da revista.

Na publicação desses conteúdos, o veículo pode proporcionar ao leitor o aprofundamento para a compreensão de problemas que existem na sociedade em que vive. A atual epidemia atingiu diretamente a todos os indivíduos por ser considerada uma questão de saúde pública mundial. Deste modo, é de suma importância levar contribuições sobre esta questão através da apresentação de argumentos e similaridades com acontecimentos que já ocorreram. Assim, os veículos de comunicação, através do serviço de levar a informação nos diferentes gêneros existentes, esclarecem a sociedade sobre a crise sanitária que afetou milhões de pessoas.

Ao se iniciar a metodologia de construção deste trabalho sobre as análises das reportagens da revista *piauí*, a pesquisa será exploratória, pois serão pontuadas abordagens contextuais relacionadas à História e as práticas do Jornalismo nestes materiais. Além disso, a pesquisa em caráter qualitativo traz alguns autores conhecidos para compreender o processo de construção dos conteúdos, dentre eles Marques de Melo (2006), Rossi (2007), Erbolato (2005) e Chauveau e Tétart (1999). Ainda, sobre jornalismo de revista podemos destacar Fatima Ali (2009) e Marília Scalzo (2006) que explanam sobre técnicas de construção e linguagem nesse tipo de jornalismo especializado. Bem como alguns artigos e sites de referência sobre a pandemia podem ser utilizados.

Assim, a utilização dos mecanismos de análise de discurso busca a compreensão do pensamento metodológico dos jornalistas nas reportagens selecionadas. “São, pois, dispositivos analíticos que dão sustentação teórico-científica aos caminhos percorridos pelo analista, na descoberta das relações entre discurso, história e ideologia” (FLORÊNCIO et al, 2016, p.15). Seguindo esta explicação dos autores, a análise de discurso neste trabalho baseia-se em duas matérias que contêm aprofundamento histórico sobre a pandemia da Covid-19 da revista *piauí* assim tituladas: *Enigmas das pandemias* de Rafael Cariello (anexo 1) e *O brasileiro Cordial* de Paulo Lyra (anexo 2). Assim, as colunas (não fixas) *Tempos da peste* e *Vultos da saúde* em que os textos estão inseridos, ganham destaque no momento que se pede mais informações e novas perspectivas sobre a saúde pública.

Em continuidade, o presente trabalho está organizado em três capítulos para se atingir os objetivos esperados. No primeiro, *Jornalismo: entre técnicas e práticas*. Neste início destacam-se as teorias sobre as atividades de conhecimento jornalístico que são trabalhados por profissionais na produção textual, como gêneros jornalísticos, jornalismo de revista e o desenvolvimento de reportagens. Já no segundo capítulo, *História e Jornalismo*, autores conversam para que o leitor compreenda a relação entre os dois campos. Também o item aborda sobre a hibridização das duas áreas nos veículos de comunicação. Destacam-se ainda, as discussões acerca do papel profissional de historiadores e jornalistas no mercado de trabalho que muitas vezes dividem a mesma redação.

Já o terceiro capítulo condiz ao tema deste trabalho: o processo de análise das reportagens que possuem referências históricas para a compreensão da pandemia. As etapas começam a trilhar sobre uma breve história da revista *piauí* e os processos metodológicos na realização destes estudos. Também é importante destacar o contexto da atual pandemia e quem são os jornalistas que assinaram as reportagens. Assim, com um breve entendimento introdutório, seguem para as referidas análises de como a História é aplicada: através da presença de datas, fatos comparativos (passado e presente) e as fontes de pesquisa utilizadas pelos jornalistas.

Ao seguir por todo esse caminho, chega-se por fim, nos resultados obtidos neste trabalho que sintetizam a relação da História e Jornalismo no campo informativo. A revista *piauí* através das reportagens selecionadas trouxe o assunto da pandemia da Covid-19 com a abordagem histórica para fazer com que o leitor compreenda através dos extensos conteúdos publicados, as perspectivas que permeiam a saúde pública e que fazem esse tipo de informação ser lida. Ao folhear cada página percebe-se a necessidade de retroceder aos acontecimentos e compará-los com a atual realidade que parece se repetir conforme o tempo passa.

CAPÍTULO I: JORNALISMO: ENTRE TÉCNICAS E PRÁTICAS

Quem observa uma notícia de um jornal ou revista, muitas vezes desconhece o que tem por trás da produção daquele material que está nas próprias mãos e o sentido que o jornalismo proporciona no cotidiano das pessoas. “O jornalismo esforça-se no sentido de estimular a mente humana através da palavra escrita, dos desenhos e fotografias em jornais, revistas, panfletos e livros e através da palavra falada” (BOND, 1962, p. 21).

No caso do material impresso, uma situação é bastante recorrente: ele é folheado, lido e depois deixado de lado. Ações comuns de boa parte dos leitores. Entretanto, os que apreciam uma boa matéria entendem que existe um longo processo de produção para que aquele impresso chegue até onde está. Jornalistas entre técnicas e práticas fazem com que uma notícia não seja apenas um texto a ser observado, mas uma comunicação mútua de informar e causar a reflexão com o leitor. “A teoria democrática reconhece certamente que os jornalistas têm uma competência específica que é identificada em primeiro lugar com o fornecimento de informação à sociedade, isto é, das notícias” (TRAQUINA, 2005, p. 35).

Desta maneira, o trabalho do jornalismo torna-se um processo evolutivo. “Uma boa reportagem, como uma cadeira, precisa se apoiar em quatro pernas: pesquisa, observação, entrevista e documentação” (PINTO, 2009, p. 89). Conforme lembra a autora, o profissional como prestador de serviço à comunidade tem pelo caminho etapas que precisam ser realizadas até que se chegue ao produto final - a notícia, mesmo que o veículo seja impresso, rádio, televisão ou internet, o desenvolvimento da informação não é alterado.

A jornalista ainda acrescenta que “se uma das pernas faltar - ou estiver curta demais -, a reportagem não para em pé. Ou fica manca” (PINTO, 2009, p. 89). Ainda, assim como uma cadeira precisa de firmeza, a autora ressalta sobre a necessidade de um quinto elemento, a checagem, na preocupação de se publicar informações com veracidade e principalmente, confiabilidade. O que de certa forma, pesa sobre a ética do jornalista, conforme analisa Rossi (2007):

Mas o caminho correto é fazer-se respeitar pela irrestrita dignidade no comportamento pessoal e profissional. Há inúmeros exemplos de jornalistas que, pela sua honestidade, são respeitados pelas fontes de informação, mesmo quando veiculam notícias que não as agradam. (ROSSI, 2007, p. 51).

Assim, como explicou o jornalista na citação acima, o comportamento responsável do jornalista deve ser praticado na rotina das redações para refletir fora delas. Além de formadores de opinião, são profissionais que trabalham para transformar uma sociedade. Também desempenham funções e seguem regras para organizar o trabalho jornalístico.

1.1 Gêneros jornalísticos

O jornalismo foi dividido em gêneros, segundo autores, para que cada conteúdo pudesse se enquadrar em um determinado grupo, seja para apenas noticiar, opinar ou entreter, chegando assim mais próximo de diversos públicos. Nessa divisão, surgiram categorias.

De acordo com Rêgo e Amphilo (2010), o jornalista Luiz Beltrão, que se destacou na pesquisa de gêneros jornalísticos, classificou essas categorias como informativo, interpretativo e opinativo. Entretanto, Marques de Melo (2006) mais tarde, sugeriu que além dos três gêneros propostos por Beltrão, se incluísse mais um: o diversional. Para José Marques de Melo, essas quatro vertentes de categorias podem ser entendidas como uma identificação das funções de trabalho no jornalismo. “Compreender os gêneros jornalísticos significa, portanto, estabelecer comparações, buscar identidades, indagar procedências” (MARQUES DE MELO, 2006, p. 68).

Desta maneira, o profissional de jornalismo exerce suas atividades de modo específico que pode facilitar o trabalho diário de acordo com a linha editorial do veículo de comunicação e de cada conteúdo a ser desenvolvido. Alguns jornalistas seguem as classificações mais recentes - de José Marques de Melo. Entretanto, destacam-se a seguir os três gêneros jornalísticos mais frequentes utilizados pelos jornais como: informativo, interpretativo e opinativo, conforme classificado por Luiz Beltrão.

1.1.1 Informativo

O gênero informativo domina noticiários de impressos diários, televisão, rádio e internet. Em um conceito mais histórico, Erbolato (2003) explica que o surgimento da imprensa noticiosa, principalmente dos jornais impressos, começou a ter concorrentes após a radiodifusão nos Estados Unidos na década de 1920 com as transmissões televisivas e se intensificou após o término da Segunda Guerra Mundial em 1945. “São muitos os veículos que levam *notícia* ao público. A multiplicação dos meios informativos é um fenômeno do século XX” (ERBOLATO, 2003, p. 26).

Deste modo, como o próprio gênero já diz de informar, levar ao receptor notícias e notas diretas, resumidas e simples com as respostas necessárias do conhecido *lead* com imediatismo e precisão pode ser considerado um dos objetivos. Assim, a notícia segue com um dos formatos mais trabalhados nos veículos nessa categoria.

A notícia, é pois, em princípio, tudo aquilo que um jornal publica; mas em sentido técnico, enquanto gênero, a definição de notícia é mais restrita. Refere-se a textos eminentemente informativos, relativamente curtos, claros, diretos, concisos e elaborados segundo regras de codificação bem determinadas: título, *lead*, subtítulos, construção por blocos, e em forma de pirâmide invertida (GRADIM, 2000, p. 57).

As demais especificidades do gênero informativo são conduzidas de acordo com a linha editorial do veículo e orientadas pelo manual de redação - como um guia para os jornalistas. Mas muitos profissionais acompanham as subdivisões abordadas nos estudos de Marques de Melo. “Para ele, o gênero informativo apresenta os seguintes formatos: nota, notícia, reportagem e entrevista” (TRESKA, 2010, p. 85). Por outro lado, existem discordâncias sobre reportagem e entrevista dentro do gênero informativo, já que possuem poucos estudos sobre, como observa Tresca (2010). Além disso, por terem características parecidas com o gênero interpretativo - com o estilo de construção das narrativas quando produzido em profundidade, estimula a opinião dos leitores.

Outro tipo de trabalho bastante comum é aquele que discute as condições ou os meios de produção da notícia. Desta forma, atém-se ao processo e não aos gêneros. Portanto, são poucos os autores que trataram dos gêneros jornalísticos e raros os que trataram especificamente sobre os formatos do gênero informativo (TRESKA, 2010, p. 91).

A autora esclarece ainda que por essas classificações serem pouco discutidas, uma atualização constante destes conceitos se faz necessária para que os formatos de nota, notícia, reportagem e entrevista sejam consistentes dentro dos critérios jornalísticos para uma compreensão mais eficiente. Desta maneira, questionamentos sobre qual o lugar do formato e confusões dos gêneros não seriam recorrentes.

1.1.2 Interpretativo

Cada publicação tem o estilo que se adequa a um gênero para que seja direcionado a uma especialidade textual trabalhada pelo jornalista, muitas vezes, por um profissional regular do veículo. A atividade pode ir além da notícia imediata diária. O telespectador ao assistir televisão ou ouvir rádio tem notícias mais resumidas e de forma simples e direta. Entretanto, questionar causas como anteriormente observou Marques de Melo (2006), figura da curiosidade do leitor, ouvinte ou telespectador e favorece o aprofundamento da informação.

Na explicação de Erbolato (2003), o noticiário excita o *apetite jornalístico* e cria a necessidade de se produzir uma notícia mais ampla para saciar esse interesse. “A televisão e o rádio não podem competir com profundidade, colorido, dramaticidade e na busca de antecedentes de um fato com qualquer boa reportagem escrita” (ERBOLATO, 2003, p. 30). O autor ainda completa que os destinos fundamentais dos meios de comunicação de massa são de “informar, a influir (ou persuadir) e a divertir” (idem, p. 30).

Lailton Costa e Janine Lucht atentam que “as classificações dos gêneros interpretativos são marcadas por posições controversas” (COSTA e LUCHT, 2010, p.121), devido às características similares ao gênero opinativo e que causam confusões na compreensão do formato reportagem. Conforme também observa Erbolato (2003) alguns jornalistas ainda possuem dificuldades na compreensão das abordagens dos dois gêneros e por esse motivo, foi preciso uma separação para a classificação.

Há a necessidade de separarmos os três aspectos da divulgação de um fato: *informação, interpretação e opinião*. Há os que resistem à prática do jornalismo interpretativo, alegando que, com ele, se pretende transmitir aos

leitores opiniões disfarçadas em forma de análise e interpretações” (ERBOLATO, 2003, p.34).

O autor explica ainda que “interpretar objetivamente é mais difícil do que informar” (ERBOLATO, 2003, p. 35). Para ele, a dificuldade dos jornalistas de interpretar é compreensível, pois, os pilares da construção da notícia como pesquisa e investigação na forma subjetiva tem mais chance de se manifestar e que uma notícia também não é fácil de manter no caminho da objetividade.

Portanto, para alguns autores, os jornalistas devem compreender os conceitos de interpretação e opinião para que a reportagem, que requer mais aprofundamento, por exemplo, tenha um gênero jornalístico definido para que não confunda os demais profissionais e até mesmo os leitores.

1.1.3 Jornalismo Opinativo

O gênero torna-se mais aberto aos profissionais do jornalismo que trabalham neste caminho e não ficam limitados a um tipo de matéria. Pode-se assim, transgredir para os meios textuais de preferência como artigos, crônicas, editoriais, crítica, resenhas entre outros que trazem um uma liberdade na transmissão da notícia.

A notícia "é a matéria prima da opinião"; a opinião pode ser formulada sem uma única palavra de comentário, pela forma de apresentar a notícia, com destaque ou sem ele. O jornal esforça-se abertamente por influenciar seus leitores através de seus artigos, editoriais, caricaturas e colunas assinadas (BOND, 1962, p. 21).

Desta maneira, não necessariamente precisa ser uma notícia e sim, outras formas de levar a notícia ao leitor, pois, alguns preferem outros tipos de informativos que são abordados de maneira conforme a preferência. Para Rêgo e Amphilo (2010), com a internet e o jornalismo na web, o gênero opinativo tem conquistado maior alcance pela linguagem acessível e de fácil identificação por parte dos leitores.

A opinião destaca-se no texto jornalístico como um gênero consolidado, já que é, invariavelmente, claro e, portanto, facilmente identificável, todavia, sofre atualmente um processo evolutivo considerando, sobretudo, o novo jornalismo praticado nos suportes on-line (...) (RÊGO E AMPHILO, 2010, p. 95).

Além do aumento de acesso a esse tipo de informação pela internet, conforme citado pelas autoras, transfere também o interesse de entender de que maneira a imprensa pensa. As autoras esclarecem ainda que a introdução de opinião nas matérias de informação não é um processo novo, pois em determinados assuntos como Saúde, Economia, História, entre outros, os veículos requerem profissionais dessas áreas para produzirem artigos ou colunas, pois, estes possuem o conhecimento necessário que o jornalista pode não ter para produzir a matéria.

Esse fenômeno desenvolveu-se no Brasil pela necessidade de legitimação da imprensa, ou seja, eram contratados, ou convidados, especialistas sobre determinados assuntos para opinar sobre temas que não eram de domínio jornalístico (RÊGO E AMPHILO, 2010, p. 98).

Como será abordado no Capítulo 2 deste trabalho, as demais profissões quando atuam no campo jornalístico tem suas ressalvas - no caso do profissional de História, porém, torna-se preciso suprir as necessidades dos veículos que não possuem jornalistas especializados. Rêgo e Amphilo (2010) observam também sobre as discussões e a dificuldade de quem escreve de encaixar a matéria nos formatos do opinativo. “Isso porque nem sempre o autor ao escrever o seu texto, ou discurso, está preocupado em prender-se, ou a adequar-se, em determinado gênero” (RÊGO e AMPHILO, 2010, p. 98).

Além da escolha na forma de conduzir pelo profissional, o gênero opinativo contribui também para a participação dos leitores através de cartas, e-mails ou mensagens que “podem, inclusive, ser a própria matéria jornalística ou pauta para que o veículo de comunicação a transforme em uma grande reportagem” (RÊGO E AMPHILO, 2010, p. 107). Desta maneira, leitor e jornalista compartilham informações.

Conforme explicado acima pelas autoras, o opinativo pode permitir que os profissionais não sigam à risca os gêneros jornalísticos, por ter uma característica mais flexível e poder proporcionar que fiquem menos presos às técnicas quando o veículo permite. Pelo curso da profissão, jornalistas são formadores de opinião, mas também precisam compreender como pensa seu público.

1.2 Jornalismo de revista

A história das revistas no Brasil, segundo Scalzo (2006), confunde-se com o progresso econômico e industrial quando o país ainda era colônia de Portugal, pois, antes não havia imprensa no país devido à proibição dos monarcas. “As revistas chegaram por aqui no começo do século XIX junto com a corte portuguesa - que vinha fugindo da guerra e de Napoleão. Quer dizer, chegaram junto com o assunto de que iria tratar e com os meios para serem feitas” (SCALZO, 2006, p. 27). E continua a mencionar sobre o folhetim inaugural da época: “A primeira revista, *As Variedades ou Ensaios de Literatura*, aparece em 1812, em Salvador, na Bahia” (idem, p.27).

Scalzo (2006) também observa que após o lançamento da revista na primeira capital do país, foi lançada a segunda publicação, *O Patriota*, em 1813 no Rio de Janeiro. Nos anos seguintes o periódico começou a aumentar o foco de adeptos e conquistando destaque, principalmente, da elite e de intelectuais. “Não só o beletrismo e os interesses dos bacharéis em Direito ganham espaços nas publicações. Recém-independente, o país precisa de engenheiros, cientistas, médicos, militares...” (SCALZO, 2006, p. 28).

Com especialistas à frente produzindo conteúdo, continuaram nas décadas seguintes a segmentação das revistas para atender públicos específicos que apreciam cultura, esportes, saúde, economia, política, entre outros. Assim como organização de especialidades do informativo, Ali (2009) apresenta que as publicações de revistas podem ser divididas em três grupos principais: Revista de consumo (que podem ser de revistas de interesse geral, revistas segmentadas por público e revistas segmentadas por interesses); Revistas profissionais (dirigidas a determinadas profissões como médicos, publicitários, etc); e Revistas de empresas e organizações (revistas sob medida ou customizadas, revistas institucionais e revistas institucionais).

A revista também figura como um impresso a serviço da informação e ainda como um dos importantes meios que não se perdem e que podem ser trabalhados com profundidade e em forma de periódicos. Além disso, o jornalismo de revista se comunica de forma especializada para atender públicos específicos, constantes e que apreciam manter uma fidelidade. Por outro lado, os jornais impressos trabalham com a notícia imediata diária para levar informação a mais leitores possíveis.

“Não dá para esquecer também que revistas são impressas e o que é impresso, historicamente, parece mais verdadeiro do que aquilo que é. Isso pode até mudar com o tempo e as novas tecnologias, mas por enquanto ainda é assim” (SCALZO, 2006, p. 12).

Apesar da segmentação, a revista é “dirigida a qualquer público, do mais amplo ao mais especializado - é feita para ser lida” (ALI, 2009, p. 31). Assim, com os atributos de veracidade dos impressos a publicação permanece com sua missão. “A maioria das revistas oferece uma combinação destas cinco funções, com diferentes prioridades: informar, interpretar, entreter, defender (uma ideia, uma causa, uma posição) e prestar serviço” (ALI, 2009, p. 47).

Desta maneira, o jornalista de revista trabalha a serviço do público, mas muitas vezes a segmentação pode torná-lo menos íntimo do leitor comum. Ser um jornalista especialista, muitas vezes, chega a dividir opiniões. Por isso, Scalzo (2006) atenta que o jornalista especializado em medicina, por exemplo, pode ser tentado a transpor uma linguagem técnica ao invés de mais fácil compreensão do leitor.

Por outro lado, a autora continua a observar que profissionais que leem a revista relacionada à sua área devem imaginar que as informações são “simplistas demais” pela linguagem direta escrita pelo jornalista. Devido a isso, o profissional de jornalismo se encontra em um impasse para tentar encontrar a melhor maneira de satisfazer os dois públicos (intelectuais e leigos). “O desafio para o jornalista é, portanto, fazer uma revista acessível aos leitores comuns, mas seu texto deve ser preciso ao ponto de poder ser lido sem constrangimentos, por um especialista da área” (SCALZO, 2006, p. 57).

Além disso, continua a observar que os textos de revistas não devem ser confundidos com o opinativo, mesmo alguns periódicos trabalhem com o gênero, pois, segundo ela: “O bom texto de revista tem que estar calçado prioritariamente em informações” (SCALZO, 2006, p. 58). E destaca também que textos simples são de fácil entendimento e que jornalistas devem se preocupar com a apuração detalhada e, ainda, valorizar o conjunto de informações contidas no periódico.

Uma das grandes vantagens das revistas é que elas oferecem muitos recursos gráficos para se contar uma história. E o bom jornalista de revista é aquele que, de antemão, consegue visualizar a matéria já editada na página. O texto, por mais perfeito que seja, será sempre melhor compreendido e atraente quando acompanhado de uma boa fotografia ou de um infográfico bem feito. Assim, dominar um pouco a linguagem visual é fundamental. (SCALZO, 2006, p. 58-59)

Na batalha pela conquista de um leitor cada vez mais fiel, a revista é um dos meios que podem ser trabalhados de forma dinâmica e estratégica. Além da especialidade, uma boa escrita, todos os componentes de imagem e formato sintetizam preferências individuais para atrair diversos públicos. Conforme atenta a jornalista Fatima Ali sobre as características da realidade do impresso:

Finalmente, é preciso acompanhar os leitores. Eles mudam, suas necessidades mudam, a tecnologia muda a comunicação e a vida dos leitores muda cada vez mais rápido. A equipe que vive fechada na redação, olhando para o próprio umbigo, processando informação, fixada nos fechamentos, corre o risco de perder contato com a realidade (ALI, 2009, p. 33).

Assim, a proximidade é um dos elementos necessários no acolhimento do principal consumidor da revista como bem observa Ali (2009) mais uma vez: “Para manter a sintonia com o leitor, é preciso conhecê-lo e tê-lo em mente a cada decisão editorial” (ALI, 2009, p. 32). Portanto, é importante que os profissionais de jornalismo conheçam um pouco de cada elemento da publicação para produzir conteúdo de qualidade deste a capa até a última página.

1.3 Desenvolvimento de reportagens

Uma reportagem, segundo sugerem autores, não se baseia somente no aprofundamento da notícia para acalmar a curiosidade do leitor em um determinado assunto, ela pode também, trazer outros olhares e realidades que estão fora do que as pessoas veem ou pensam. Com a proximidade do jornalista com o leitor, a reportagem pode ser trabalhada dentro das categorias do Jornalismo Especializado, por exemplo, nas áreas da Cultura, Literatura, Esporte, Política, Ciência entre outras, dependendo assim, da linha editorial do veículo. No caso do impresso, os jornais utilizados são separados por editoriais. Contudo, as revistas podem ser segmentadas e específicas.

Apesar de muitos leitores terem preferências na escolha do que vão consumir, o que faz uma reportagem ser lida e de impacto, que muitas vezes conquista o consumidor para a apreciação frequente, é o próprio estilo do jornalista. “O jornalista, que tem a vocação do jornal, é um escritor, no sentido exato desta

palavra. Aperfeiçoa a sua linguagem e, tendo de fazer uma reportagem, coloca nela o melhor de seu talento e de seus esforços” (OLINTO, 1968, p. 34).

O premiado jornalista e repórter especial da Folha de São Paulo, Frederico Vasconcellos, aborda no livro *Anatomia da Reportagem* (2008) que uma boa apuração de um jornalista no processo de pesquisa faz com que leitores percebam a valorização da reportagem, principalmente no Jornalismo Investigativo, com o volume de documentos e informações destacados na matéria. “Cada repórter desenvolve suas técnicas de apuração. Não há regras prontas. O leitor perceberá a preferência do autor pela busca de documentos que comprovem as revelações, a opção pela prova em detrimento das declarações” (VASCONCELLOS, 2008, p. 11).

Além da captação de informações que se produz uma boa reportagem, um olhar diferenciado nas palavras é entregue ao leitor. Desta maneira, a jornalista Eliane Brum, vencedora do Prêmio Jabuti de 2007 no livro-reportagem *A vida que ninguém vê*, relata na coletânea de crônicas, a observação, além da sensibilidade, de pessoas comuns que não possuem visibilidade da sociedade. Marcelo Rech escreveu no prefácio do premiado livro, destacando o talento da autora no Jornalismo Literário:

A ideia estava ancorada na convicção de que tudo - até uma gota d'água - pode virar uma grande reportagem na mão de uma grande repórter. A questão era achar alguém com os sentidos à flor da pele para dar forma a um misto de crônica, reportagem e coluna (BRUM, 2006, p. 13).

Entretanto, segundo Lage (2001) essas interferências pessoais de alguns jornalistas ao escrever as grandes reportagens podem causar confusões entre o que é assunto público e privado, gerando até desconfortos dos profissionais com assuntos específicos que requerem informações relevantes e de destaque.

Repórteres passaram a ser bajulados e odiados. A reportagem colocou em primeiro plano novos problemas, como discernir o que é privado, de interesse individual, do que é público, de interesse coletivo; o que o Estado pode manter em sigilo e o que não pode; os limites éticos do comércio e os custos sociais da expansão capitalista (LAGE, 2001, p. 16-17).

Estas práticas, muitas vezes, são realizadas por jornalistas que produzem grandes reportagens de impacto na sociedade, como o Jornalismo Político que se refere ao poder público. Desta maneira, procuram a exclusividade para atender um público que deseja informações profundas ou que desconhecem um fato importante e o interesse por uma boa pauta deve fazer parte do dia a dia do profissional. “O

repórter que ficar esperando o grande assunto lhe cair nas mãos para fazer a grande matéria de sua vida vai morrer na inanição” (KOTSCHO, 2000, p. 10). O jornalista ainda explica sobre uma das intenções da publicação da reportagem: “O leitor tem o direito de saber o que pensa, de que lado está aquele que lhe escreve - é uma informação a mais para que ele possa tirar suas próprias conclusões” (KOTSCHO, 2000, p. 8).

Assim, o jornalista tem um dos papéis de formar opinião, mas também se interessa em como pensa o público. A reportagem abre essa porta para não ser como uma “*camisa de força*” que prende o profissional as métricas estipuladas pelo veículo em que trabalha com rigor. Além disso, existem jornalistas certos que produzem reportagens regularmente e os que colaboram ocasionalmente.

Para Dad Squarisi e Arlete Salvador (2005) a arte de produzir textos está cada vez mais popular. “Escrever está na moda. As novas tecnologias de comunicação, quem diria, ressuscitaram o valor da escrita” (SQUARISI e SALVADOR, 2005, p. 9). Apesar do impresso ter força pela durabilidade e aspecto documental, podendo ser inclusive, considerado uma fonte de pesquisa histórica, as facilidades atuais proporcionam que o jornalismo chegue a diversos públicos em menos tempo de maneira mais prática.

CAPÍTULO II: HISTÓRIA E JORNALISMO

Duas áreas que trabalham os processos informativos de acordo com o tempo e atividades distintas, assim é a História e o Jornalismo. Mas primeiro, é preciso compreender o conceito de História como ciência:

1 Conjunto de conhecimentos relativos ao passado da humanidade, segundo o lugar, a época, o ponto de vista escolhido. 2 Ciência que estuda eventos passados com referência a um povo, país, período ou indivíduo específico. 3 A evolução da humanidade ao longo de seu passado e presente; sequência de acontecimentos e fatos a ela correlatos. 4 Compendio histórico que trata desses fatos e eventos. 5 A origem e a evolução de uma ciência, de uma arte, de um ramo de conhecimento. 6 Sequência de ações, de acontecimentos reais ou imaginários; enredo, trama. 7 Narração de eventos, fictícios ou não; narrativa, estória (NEIVA, 2013, p. 270).

As denominações detalham a História como uma prática imersiva, de análise, conceitos e metodologias específicas e que também utiliza da memória para construir o imaginário e a representação. Neiva (2013) também explica que muitas vezes o suporte das doutrinas filosóficas que buscam fazer da História o grande princípio da conduta, dos valores e de todos os elementos (artes, filosofia, religião, etc.) da cultura humana pode ser chamado de Historicismo.

Através das épocas, a História permanece como mecanismo para entender os acontecimentos do passado na contribuição de estudos da humanidade no tempo. Com os cuidados no minucioso processo de pesquisa realizados pelos historiadores, Barros (2002) explica que a ciência deve se atentar aos perigos do anacronismo. Em outras palavras, a informação deve ser contextualizada de acordo com os elementos da época. “Em primeiro lugar, é preciso considerar que o historiador, ao examinar determinada sociedade localizada no passado, está sempre operando com categorias de seu próprio tempo (mesmo que ele não queira)” (BARROS, 2002, p. 51).

O autor ainda esclarece que não há problemas na utilização do anacronismo, desde que a interpretação não fuja à realidade que está sendo contada. Assim, nesse caminho de transformar em informação um fato que já ocorreu e que estabelece o passado como principal objeto de estudo, a História se abastece com a ajuda das correntes historiográficas e ao campo investigativo seja com qualquer fonte de pesquisa.

As investigações históricas examinam o passado a partir de alguns pressupostos que justificam sua prática. Para alguns historiadores, a sequência de eventos pesquisados oferece, por si só, uma moldura causal seja para o que aconteceu, seja para o que se transcorre no presente (NEIVA, 2013, p. 271).

Desta maneira, a História vive de passado e ao desvendar um acontecimento, atravessa pela investigação de coleta de dados, que é uma prática comum de outra área de estudo, o Jornalismo, que assim pode ser denominada:

1 Atividade profissional que visa coletar, analisar e transmitir periodicamente ao grande público, ou segmentos dele, informações da atualidade, utilizando veículos de comunicação (jornal, revista, rádio, televisão etc) para difundi-las. 2 Conjunto dos jornais ou dos jornalistas; imprensa (NEIVA, 2013, p. 308).

Neiva (2013) explica ainda sobre a separação da cultura de massa e a necessária imparcialidade dos veículos pela ética profissional. Para o autor, a atividade dos jornais é caracterizada com o compromisso da verdade dos fatos para o leitor desenvolver a consciência da opinião crítica sem interferências das ações da mídia. Ainda, ressalta a confusão que se é criada entre publicidade e Jornalismo com outras práticas existentes, mas que deve ser evitada.

O jornalismo é uma prática específica de difusão de informações que não se pauta pelo objetivo de persuadir o público consumidor a propósito da excelência de um determinado produto, tampouco quer criar as condições de favorecimento da imagem pública de uma instituição ou empresa qualquer. Se assim fosse, o jornalismo confundir-se-ia com a publicidade ou com as práticas de relações públicas (NEIVA, 2013, p. 308).

Apesar das confusões existentes com as áreas de atuação da comunicação, o Jornalismo é um campo que navega por diversas áreas do conhecimento e que pretende levar informação às pessoas através de diversos veículos, incluindo o meio publicitário e de marketing. Para Clóvis Rossi: “Jornalismo independentemente de qualquer definição acadêmica, é uma fascinante batalha pela conquista das mentes e corações de seus alvos: leitores, telespectadores ou ouvintes” (ROSSI, 2007, p. 7).

O profissional desenvolve essas características para que o leitor, telespectador ou o ouvinte seja parte de um todo e esteja presente nos acontecimentos que envolvem as questões relacionadas ao meio onde vive, sejam elas políticas, sociais, econômicas, ambientais, culturais etc.

Assim, como no pensamento de Marques de Melo (2006) pode-se compreender da prática profissional que o jornalista seja mais que um contador de

notícias e acontecimentos, mas também que ele tenha percepção dos contextos que produz os fatos, sendo emissor de uma informação com a contribuição de outras ciências. No caso da História, abordando os fatos passados e relacionando-os com os do presente. Em outras palavras, uma ciência que completa um profissional com informações adicionais que ajudarão a definir o texto jornalístico. Da mesma maneira que poderia utilizar da Física, Química, Matemática, Geografia, entre outras.

Segundo autores, a História carrega uma concepção narrativa que deve ser trabalhada, pensada e pesquisada a fundo. As teorias são construídas através de processos de longo estudo do historiador que podem ser demorados. Desta maneira, entra um elemento no qual o Jornalismo tem discordâncias: o tempo.

O fator tempo para o Jornalismo pode ser crucial. Escrever uma notícia que está baseada no factual e imediato não é a mesma coisa de se produzir um artigo sobre o Império Bizantino, por exemplo. Portanto, ainda que seja analisado um mesmo assunto, a História pode ser considerada subjetiva e parcial. Já que os profissionais que com ela trabalham podem colocar pensamentos e opiniões nas publicações. O que no Jornalismo é condenável, pois a orientação dada pelos teóricos aos profissionais da imprensa é a busca pela imparcialidade, exceto em textos opinativos pela liberdade na escrita. O jornalista Clóvis Rossi esclarece sobre a objetividade jornalística com um trecho do Manual de Redação do jornal Folha de São Paulo.

O manual fornece também a sugestão sobre a única maneira de tentar enfrentar honestamente a questão: “Isso (a inexistência da objetividade) não o exime, porém, da obrigação de procurar ser o mais objetivo possível. Para retratar os fatos com fidelidade, reproduzindo a forma em que ocorreram, bem como suas circunstâncias e repercussões, o jornalista deve procurar vê-los com distanciamento e frieza, o que não significa apatia nem desinteresse”, continua o verbete (ROSSI, 2007, p. 13).

O autor ainda continua defendendo o valor da objetividade com a importância de ouvir os dois lados. Diferente do trabalho do profissional de História ao percorrer outros caminhos no processo investigativo.

De qualquer forma, a objetividade continua sendo um dos principais parâmetros na linha editorial dos principais veículos de comunicação do Brasil. E, nessa busca impossível, introduziu-se a lei de ouvir os dois lados, partindo-se do pressuposto de que, frequentemente, há dois lados opostos numa mesma história (ROSSI, 2007, p. 11).

Conforme defendido e recomendado por autores, a atividade jornalística deve ser imparcial, neutra, objetiva e a mais verdadeira possível dos fatos. Assim, são aspectos que diferenciam o trabalho do historiador e jornalista.

2.1 Historiador e jornalista

O campo da História, para alguns historiadores, é uma ciência que estuda o passado e aprofunda com a historiografia acontecimentos que foram relevantes para a sociedade. Desta maneira, para Jean-François Sirinelli, o historiador é o responsável por trabalhar os acontecimentos históricos:

O historiador trabalha sobre o passado, mesmo que próximo, isto é, sobre o que está abolido. Não que ele conceba sua prática unicamente como uma espécie de retorno das cinzas do passado a um presente que seria totalmente desconectado daquele (SIRINELLI, 1999, p. 78).

O autor também observa sobre a não deixar de lado o estudo do hoje, já que a história também pode fazer parte do processo de construção e transformação de contar o presente.

Bem ao contrário, esse historiador, qualquer que seja sua especialidade cronológica, bebe em seu presente e, longe de pensar que está ligado por múltiplas fibras a seu tempo e à comunidade à qual pertence. Poderíamos, de sobra, multiplicar os exemplos (SIRINELLI, 1999, p. 78).

Assim, o historiador pode utilizar o jornalismo para continuar a ser como uma testemunha também na produção das narrativas com a colaboração do presente. Embora pareçam que História e Jornalismo caminhem juntos, existem diferenças entre as áreas.

Segundo autores, os profissionais que trabalham com conceitos e documentos históricos têm em uma das funções, o aprofundamento e embasamento teórico do que descreve. Por outro lado, para Rossi (2007), o jornalista na execução de seu trabalho, deve principalmente partir do conceito de transmitir a verdade dos fatos em primeiro lugar, o que se torna um desafio muitas vezes devido às fontes. “Cultivar as fontes de informação é, portanto, um exercício indispensável ao jornalista. Mas há maneiras e maneiras de fazê-lo – e a mais difícil é a única correta: pela rigorosa honestidade no trabalho jornalístico” (ROSSI, 2007, p. 51).

O historiador francês Le Goff (1999) fez uma análise crítica com interrogativas sobre a atuação do jornalista como historiador do imediato:

Que método particular de crítica de uma emissora, de um programa de televisão, pode-se encaminhar? Não obedecem elas também às questões comuns do historiador: quem? quando? onde? com que fim? o que é que falseia a verdade? como? (LE GOFF, 1999, p. 96).

Apesar de o historiador mencionar sobre o trabalho nas mídias, para Jacques Le Goff (1999), as normas jornalísticas e o processo de apuração com os questionamentos para a construção textual do jornalista deveriam ser os mesmos que são realizados pelos historiadores. Assim, trabalhando com estes mesmos caminhos, o historiador compreende que a atuação do jornalista deveria ser semelhante: “Não é preciso pedir mais crítica e honestidade crítica aos jornalistas, historiadores do imediato?” (LE GOFF, 1999, p. 96).

Já para o historiador Jean-Pierre Rioux, a reflexão sobre Jornalismo e História se faz necessária para a compreensão do papel dos profissionais como formadores de opinião e do intelecto que influenciam diretamente na sociedade.

Quer dizer que o diálogo entre história no presente e jornalismo retroativo faz não somente o historiador universitário que o pratica correr alguns riscos, mas que pode também pode desnudar cruelmente algumas fraquezas intelectuais ou humanas da confraria de seus “caros colegas”. Mas não se fala mais nisso. Pois, repito, esse diálogo é essencial, é preciso encorajá-lo e é sobre ele que é indispensável refletir livremente (RIOUX, 1999, p. 119).

Como o autor analisa ambos correm riscos, mas seguem de maneiras diferentes, pois, também observa que História e Jornalismo devem transmitir a informação na intenção de agregar conhecimento sobre o que ainda não se sabe ou é desconhecido. Porém, há jornalistas que para transmitir com confiabilidade um determinado acontecimento, utilizam muitas vezes, de documentos históricos e do retorno ao passado para a formação da construção no presente, para que assim, o leitor compreenda o contexto da notícia.

É preciso louvar o esforço dos bons jornalistas por fazer intervir uma certa espessura histórica. Mas é preciso deplorar a falta de cultura histórica da maior parte deles, mas também, é bom dizê-lo, de muitos economistas e políticos, atores eminentes da história imediata (LE GOFF, 1999, p. 96).

Contudo, se pode observar, Le Goff reconhece que alguns jornalistas de áreas específicas, trilham para que os elementos da história sejam trabalhados na

sua função de informar com precisão e seriedade, ainda, com os critérios jornalísticos seguidos à risca.

Existem jornalistas historiadores e, ainda, jornalistas que utilizam a História como fonte segura para a construção da notícia. Contudo, os historiadores ainda veem o jornal com receio. O jornalista José Marques de Melo ressalta a resistência de profissionais conservadores “lamentando que ‘os historiadores mais convencionais’ ainda desprezam ‘a riqueza humana que se esconde’ nos anúncios e notícias de jornais (...)” (MARQUES DE MELO, 2006, p. 226 *Apud* Amaro Quintas, p. 13).

Mas ainda assim, ressalta que os tempos estão mudando e “pesquisadores contemporâneos começam a vencer as barreiras da tradicional metodologia historiográfica” (MARQUES DE MELO, 2006, p. 227), pois, cada vez mais estão em busca de respostas no que já foi noticiado pela imprensa.

Sendo assim, nota-se a distinção entre a função do historiador e do jornalista, mas que uma área de conhecimento depende da outra. Deste modo, pode existir uma colaboração conjunta.

Essa evolução induz uma novidade essencial que não se pode omitir na observação da história do presente: a concordância cronológica entre a “banalização” dos estudos tratando do período posterior a 1945 e o fato de que hoje os historiadores não se recusam mais a trabalhar sobre os acontecimentos que puderam viver. Essa singularidade nos leva a refletir sobre a natureza dessa *presença física* do historiador em *seu tempo* e no *seu tema*. Essa questão nos ajuda na definição da história do presente e, integrando uma dimensão “da geração”, permite antes de tudo refletir um discurso científico no tempo (CHAUVEAU e TÉTART, 1999, p. 16).

A História precisa do Jornalismo e o Jornalismo precisa da História. Apesar de ambas desempenharem o papel de forma diferente, elas vão além de padrões. Pode-se observar a importância dos embates entre jornalistas e historiadores já que o conhecimento e levar a informação, seja para leigos ou experientes, continuam a fazer parte da construção do presente na sociedade.

Ainda, existe o conflito sobre a formação dos profissionais que sofrem com as diferenças no mercado de trabalho. Traquina (2005) aborda sobre o jornalismo como uma atividade pouco prestigiada e com o mercado cada vez mais competitivo e rigoroso, o jornalista carrega a desvalorização pela atual falta de exigência do diploma da graduação de jornalismo, exceto pelas grandes redações de jornais e revistas que ainda obrigam. Como consequência, o historiador pode ser um

jornalista apenas com a formação em História, diferente do jornalista que não pode ser historiador. Contudo, evidentemente, se ele detiver o diploma da área que é obrigatório.

Além disso, pode-se destacar como exemplo, um dos colunistas das matérias analisadas neste trabalho, Rafael Cariello (item 3.3), é um historiador que atua como jornalista na revista *piauí*. Desta maneira, o jornalista de formação acaba muitas vezes, ficando desvalorizado perante as demais profissões com a flexibilização de contratar um especialista para suprir a necessidade de um veículo.

2.2 Profissões em discussão

Com a abertura da oportunidade de outras profissões conquistarem o registro de jornalista, o mercado se estende para os demais profissionais e se reduz para o trabalhador de Jornalismo. Entretanto, não é objetivo deste trabalho enaltecer a profissão de jornalista e tampouco desmerecer o trabalho do historiador. A polêmica entre as duas categorias circula na maneira como cada uma desempenha o seu papel e traz diferenças que devem ser abordadas para a compreensão do confronto das profissões. Historiador e jornalista se encontram por semelhanças, mas as atividades são questionáveis e merecem destaque para que a discussão seja esclarecida.

Em outros termos, a identidade do objeto entre o jornalista e o historiador do presente não deve ser ilusão. O jornalista (o bom jornalista) esforça-se para reconstituir e explicar ao seu leitor a trama dos eventos quotidianos que o assaltam e faz trabalho útil de informação. O historiador tenta restituir a evolução na duração que permite compreender por que processo chegou-se à situação presente: ele se dedica a descrever as estruturas cujas transformações dão conta da emergência factual de fenômenos cuja gênese se situa sempre a médio ou longo prazo (BERNSTEIN e MILZA, 1999, p. 127).

Conforme já mencionado antes, o fator tempo é determinante. Se para os jornalistas, a expressão *deadline* assusta, pois representa “o prazo máximo para entrega de anúncio ou matéria; data de fechamento” (NEIVA, 2013, p. 140), já os historiadores não têm esse problema. No jornalismo escrever a matéria antes do encerramento do dia pode ser o limite.

“A *História Imediata* é um campo historiográfico muito específico, às vezes próximo do jornalismo” (BARROS, 2002, p. 145). Desta maneira, ser o “historiador do presente” ou “historiador do imediato”, termo para jornalista utilizado por alguns especialistas, como o próprio nome já diz, é trazer com rapidez uma informação ou notícia.

Com prazo curto para a apuração e transformação da matéria, jornalistas correm contra o temido tempo para não deixar a informação *fria* ou *passada*. Ainda, existem os riscos de mantê-la *quente* com o *comer barriga*, ou seja, publicar conteúdo com erros ou faltando alguma informação para trazer *furos de reportagem* (o inédito e imediato) contando com as exigências das redações para cumprir os padrões da escrita jornalística e estratégias para desenvolvimento de um bom texto.

Geralmente ocorrem também, as limitações de espaço de produção no veículo utilizado. Em notícias mais factuais, publicadas em veículos impressos devem seguir os parâmetros de quantidade de caracteres. O mesmo ocorre em veículos de mídia eletrônica (rádio e televisão) onde o limite de meio minuto a três minutos impera na maioria das notícias produzidas. Porém, no caso de uma matéria dentro do jornalismo especializado, a concessão para abordagem do assunto pode ser maior e até com um pouco mais de tempo para entrega.

Além das diferenças de ofício das profissões, há a diferença salarial. Ambos são regidos por convenções coletivas de sindicatos específicos da região em que atuam - caso estejam registrados em alguma empresa, mas os trabalhadores autônomos podem estabelecer seu preço.

De acordo com o salário normativo de 2019/2020 da Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ, 2021), um jornalista de jornal e revista que atua no interior de São Paulo ganha cerca de R\$ 2.645,35 (dois mil, seiscentos e quarenta e cinco reais e trinta e cinco centavos) em 5 (cinco) horas trabalhadas e se trabalhar na capital paulista, pode receber um pouco mais, aproximadamente R\$ 3.313,14 (três mil, trezentos e treze e catorze centavos).

Por outro lado, um historiador pode receber de 2.640,00 (dois mil seiscentos e quarenta reais) e chegar até R\$ 15.000,00 (quinze mil reais) de acordo com dados de 2019/2020 do Sindicato dos Bibliotecários, Cientistas da Informação, Historiadores, Museólogos, Documentalistas, Arquivistas, Auxiliares de Biblioteca e de Centros de Documentação no Estado de São Paulo - SINBIESP (FECOMÉRCIO, 2021). Desta maneira, se pode observar como jornalistas e historiadores têm uma

longa distinção financeira quando são referidos à valorização profissional no mercado de trabalho. Além da remuneração, Rossi (2007) observa que existe a liberdade que os jornalistas procuram nas redações. Para o autor, como toda categoria que luta por direitos, ser refém de uma profissão é um aspecto que é frequente na carreira de alguns profissionais.

“(…) Mas então eu gostaria de saber pelo que tem lutado um soldado durante todo esse tempo. Ele luta para se escravizar, para dar poder aos homens de fortuna e terras, para fazer de si um eterno escravo” (THOMPSON, 1987, p. 21). Embora o trecho não seja voltado ao jornalista, o historiador Edward Palmer Thompson em *A Formação da Classe Operária Inglesa: A árvore da liberdade* destacou sobre a busca pela independência da classe trabalhadora inglesa construída por pequenos comerciantes e, também, da imprensa nas manifestações sociais entre os séculos XVIII e XIX.

Fazendo um paralelo com a obra, o jornalista não pode ser considerado um *eterno escravo*, mas é obrigado - enquanto estiver no ofício - a atender demandas dos editores e evitar, inclusive, posicionamentos pessoais nas publicações. Além disso, limitados, são obrigados a atender as exigências de superiores para manter o ritmo e interesses de qualquer natureza do veículo em que trabalha. Existe ainda a necessidade de manter o trabalho, ou melhor, não perder o emprego e aceitar de acordo com a hierarquia existente.

Para alguns autores que trabalham o Jornalismo, um posicionamento pode gerar deslizos e esse erro, possivelmente, compromete tudo e a todos na empresa. Como consequência a esta ação, são jornalistas hostilizados por uma opinião na mídia que pode custar até a perda de emprego. Contudo, existe um gênero no jornalismo que proporciona essa *liberdade* que é o opinativo. Geralmente são textos realizados por jornalistas experientes como o cargo de *Ombudsman*, que se refere ao “Jornalista, contratado de fora ou pertencente ao quadro da empresa, que, de maneira independente, critica o material publicado e responde às queixas dos leitores” (NEIVA, 2013, p. 408) e são abordados em tópicos específicos como editoriais. Porém, o que se vê com frequência ou diariamente é o jornalismo do gênero informativo nos principais veículos de comunicação.

Porém, a evolução e a adoção de novas técnicas no jornalismo, elevado à profissão e não mais praticado por simples diletantismo, levaram a uma conquista autêntica: a separação entre, de um lado, o relato e a descrição

de um fato, dentro dos limites de objetividade permitidos pela natureza humana, e, de outro, a análise e o comentário da mesma ocorrência. O jornalismo ficou, a essa altura, dividido em dois grandes grupos ou seções principais: o informativo e o opinativo (que incluía a análise e a interpretação) (ERBOLATO, 2003, p. 34).

O autor observa ainda que existem colunas, artigos, crônicas e outros dentro do gênero opinativo que proporcionam o ponto de vista do jornalista, mas de maneira diferente: com uma linguagem mais acessível dependendo do assunto. Contudo, não foge de se manter neutro, considerado um dos importantes princípios de dever do jornalista. “Quem colhe dados, observando o local ou entrevistando pessoas capacitadas a fornecer informações para a matéria deve agir com isenção de ânimo. Honestidade e imparcialidade são atributos exigidos do repórter” (ERBOLATO, 2003, p. 56).

Contudo, conforme citado anteriormente, o historiador E. P. Thompson ao escrever *A Formação da Classe Operária Inglesa* em 1987, na publicação de três volumes, o britânico revela sem esconder a preferência pelo conceito da luta de classes trabalhadoras na Inglaterra e a empatia declarada pela ideologia do Marxismo. Neste sentido, em que especialistas em História podem demonstrar posicionamento, os grandes veículos geralmente convidam historiadores para fazer análises, debates ou explicar conceitos ou acontecimentos históricos. Muitos destes, não escondem as preferências, principalmente, políticas e sociais. Expõem-se sem receio e deixam os jornalistas desconfortáveis em alguns momentos. Assim, o jornalista torna-se apenas um mediador na situação por ofício.

Esse é um dos momentos em que jornalista e historiador trabalham juntos. Com o jornalismo, o profissional transforma uma determinada informação que foi esclarecida pelo especialista em História para que chegue da maneira compreensível ao leitor ou espectador. Desta maneira, destacam-se como áreas e se complementam, investigam e associam ações do passado com o presente em uma colaboração mútua.

2.3 Pesquisa, apuração e História

Na construção de uma informação a fundamentação torna-se um dos elementos para trazer credibilidade ao leitor. Desta maneira, o trabalho inicial de

jornalistas e historiadores passam a ser comuns. A pesquisa por fontes confiáveis, principalmente as documentais, fazem parte do processo de apuração e pesquisa. Conforme afirma Mario L. Erbolato: "Para que uma pauta seja cumprida, recorre-se a entrevistas, pesquisas e arquivos" (2003, p. 180). Desta maneira, para a melhor "explicação" que jornalistas recorrem aos acervos e com a colaboração de fontes históricas. Com os materiais necessários em mãos, continuam o trabalho:

A notícia, ainda que com pormenores, quando chega à Redação do jornal, através do repórter, ou recebida por mala, telefone, telex e teletipo, não possui muitas vezes elementos suficientes, de acordo com a importância de que se reveste. Há necessidade, por isso, de complementá-la, de explicá-la e de interpretá-la, a fim de que o leitor possa compreendê-la e conhecer todos os seus significados e implicações (ERBOLATO, 2003, p. 83).

O autor ainda complementa que "Para o arquivo, tudo é precioso e olhado como matéria-prima excelente para fazer jornalismo" (ERBOLATO, 2003, p. 84). Assim, sinaliza que nada pode ser desperdiçado, mas que se deve ter cautela no acolhimento das informações. Entretanto, nem sempre a notícia necessita de um levantamento histórico. Algumas matérias mostram apenas o que é preciso que o leitor saiba, respondendo as conhecidas perguntas feitas pelos jornalistas nos textos: Quem? O quê? Quando? Onde? Como? Por quê?

Por outro lado, o Jornalismo vai de encontro com a História quando surgem assuntos que requerem um *saber mais*. Este trabalho foi produzido durante a pandemia da Covid-19 que iniciou no início de 2020. Uma doença até então desconhecida carecia de detalhes e a compreensão de semelhanças com outras crises de saúde do passado. O que é uma pandemia? De onde veio o coronavírus? Qual relação com outras doenças? Foram alguns dos questionamentos possivelmente imaginados pelas pessoas logo quando surgiu a doença.

Para entender o contexto, a revista *piauí* trabalhou estes assuntos em algumas matérias, inclusive, duas delas seguiram de análise para este trabalho. Assim, o periódico teve que realizar o resgate de forma comparativa de uma questão atual com um problema similar que ocorreu no passado, além de levantarem outros temas relacionados à saúde que estavam em alta. Na compreensão da importância da pesquisa no trabalho do jornalista para a transformação de uma notícia mais acessível ao leitor, pode-se destacar um trecho de Frank Fraser Bond em Introdução ao Jornalismo:

A necessidade de interpretação e explanação das notícias em nossa época é realmente visível. A vida tem se tornado tão complexa e seus interesses tão diversos que mesmo os especialistas ficam confusos em seu próprio campo de conhecimento (BOND, 1962, p. 20-21).

Conforme o observado pelo autor, o jornalista deve desenvolver além do que ele tem em mãos. Procurar entender uma pauta e se aprofundar não é somente papel de um especialista. Este, muitas vezes está mergulhado em seu próprio conhecimento sem saber de que maneira transmitir aos outros. O caminho da investigação e apuração é utilizado pelos dois profissionais, assim como bem descreveu o jornalista Ricardo Noblat sobre a importância da prática das consultas históricas nas duas profissões:

Fossem os jornais e os jornalistas menos escravos das notícias da véspera, poderiam dedicar-se também a um tipo de jornalismo que só raras vezes é produzido — o jornalismo histórico. O que por meio de pesquisas, entrevistas e consultas a documentos revisita episódios importantes da vida de um povo que jazem esquecidos e incompletos. Pois, se for um profissional de bom nível, o jornalista poderá sair-se bem como historiador. Com algumas vantagens sobre o historiador acadêmico: um faro mais apurado para o que interessa à grande massa de leitores e uma facilidade maior de acesso às fontes de informação. Afinal, fomos treinados para saber lidar com pessoas e delas extrair boas histórias (NOBLAT, 2008, p. 30).

Como também afirmou Pereira Junior (2010): “Cada apuração abre novos vazios de informação, a serem preenchidos por mais investigação. É preciso ter panorama geral do que se tem para saber o que é preciso levantar para se ir a frente” (2010, p. 86). Desta maneira, jornalistas e historiadores aprofundam as funções com similaridades, mesmo que indiretamente, mas o ato da pesquisa é o requisito diário para a construção de uma informação.

CAPÍTULO III: ANÁLISE DAS REPORTAGENS

Neste capítulo será abordada inicialmente a metodologia realizada para esta etapa do trabalho e a seguir, a análise das reportagens selecionadas.

3.1 Revista *piauí*

A *piauí* é uma produção impressa independente que mantém a hospedagem do site da revista na página oficial da Folha de São Paulo e, gerencia as assinaturas para os leitores que preferem o impresso pela Editora Abril. Neste ano, em outubro de 2021, seu fundador anunciou que a revista viraria uma entidade sem fins lucrativos, mas que seria mantida pelo recente Instituto Artigo 220, no qual João Moreira Salles tornou-se membro. Em entrevista à Folha de São Paulo, o fundador explicou sobre a nova gestão administrativa. "Jornalismo é parte da infraestrutura cívica de um país. Faz sentido, portanto, criar bens públicos que fortaleçam essa infraestrutura. Uma nova configuração da Piauí deve ser entendida dessa forma" (FOLHA DE SÃO PAULO, 2021).

A revista mensal lançada em outubro de 2006 pelo cineasta brasileiro João Moreira Salles traz ao público um jornalismo diferenciado, inclusive, o próprio nome da publicação gera curiosidade dos leitores sobre o verdadeiro significado já que alguns o confundem com o estado brasileiro. Porém, para diferenciar o nome é escrito com a inicial em minúsculo. "**Piauí** não tem resposta para nada. Nem para quem pergunta por que ela se chama piauí, porque a esse respeito ainda não chegamos a um consenso" (PIAUÍ, 2021).

Em *Tempos Instáveis*, Barros e Silva (2016) descreve na coletânea de reportagens da revista que o Piauí é um dos estados mais pobres do Brasil e que a publicação, assim como a região brasileira, se assemelha por ser parte de uma *periferia*. "Ao assumir esse nome, a revista se põe de alguma forma nesse não lugar, como se flertasse com a inviabilidade de sua existência já antes de nascer. Se há uma motivação de ordem afetiva, existe também ironia na escolha" (BARROS E SILVA, 2016, p. 9).

Para o jornalista Rollemberg (2014) a *piauí* pode ser comparada com revistas que fizeram popularidade e história no Brasil entre os anos 70 e 80, como *Senhor* e

Realidade, que traziam importantes nomes em suas reportagens. Ainda, acrescentou as características notáveis como às da publicação americana *The New Yorker*. “Neste ponto, pode-se notar semelhanças editoriais e comerciais com piauí – a revista de João Moreira Salles também não visa necessariamente ao lucro, mas busca um prestígio jornalístico e cultural” (ROLLEMBERG, 2014, p. 59). Além disso, o autor completa que hoje é considerada como uma importante revista no mercado, porém, não pode ser equiparada a revista *Veja*, por exemplo, mas que apesar de ser incomum no meio informativo, se mantém em evidência no cenário do jornalismo brasileiro por seu estilo moderno e particularidade de conteúdo.

Afinal, a Piauí é reconhecidamente hoje uma das principais publicações brasileiras, formadora de opinião e item de colecionador, mesmo com seus parcos 50 mil exemplares de tiragem mensal. Sua importância social, cultural e jornalística não se expressa em sua tiragem, mas sim no que ela traz de novo e de relevante em suas páginas editoriais” (ROLLEMBERG, 2014, p. 54).

Ainda para o autor, a linha editorial e o perfil, são alguns dos aspectos que marcam a revista. As capas de visuais sofisticados de acordo com o assunto de destaque. As reportagens longas e algumas menos extensas em quase 100 páginas de conteúdo informativo. Jornalistas e profissionais colaboradores que escrevem sobre as mais variadas abordagens de maneira intelectual para um público mais refinado e que entende o objetivo de cada edição. Desta maneira, o Jornalismo alinhado ao entretenimento e cultura em conjunto de elementos textuais e gráficos que chamam o consumidor para imersão da leitura. Aliás, um dos motivos de se tornar item de colecionador como citado antes.

Piauí veio, na verdade, ocupar um espaço há muito vago: o de uma revista que não se preocupasse em cuidar de temas factuais ou do agendamento cotidiano ou semanal, mas sim de tratar de temas que justamente fugissem desse agendamento estrito (ROLLEMBERG, 2014, p. 67).

Na detalhista produção e aprofundamento da informação, as grandes reportagens são produzidas. A revista por ser um periódico mensal, trabalha de maneira mais tranquila e sem a corrida dos jornalistas atrás das notícias factuais e diárias para trazer ao leitor o inédito. “Havia, na experiência piauiense, duas características cobiçadas e cada vez mais raras: tempo para apurar e espaço para escrever” (BARROS E SILVA, 2016, p. 10).

Além disso, conforme a página oficial da revista explica, a *piauí* se desenvolve através do longo processo de investigação e apuração, no levantamento de dados e informações para trazer veracidade e credibilidade nos conteúdos publicados.

Gostamos de imaginar que somos uma revista serena, que dá tempo a seus jornalistas para que trabalhem, e que isso não é sinônimo de lentidão, mas de apuro. Talvez tenhamos sido influenciados pelas nossas leituras de criança, quando aprendemos que nem sempre a lebre vence a corrida. Com nosso passo cuidadoso, já chegamos na frente várias vezes (PIAUI, 2021).

Como um periódico formador de opinião, em outras palavras, um impresso informativo que tem propriedade para interferir no pensamento de outras pessoas, aborda política, cultura, saúde, entre outros. Entretanto, para autores, a revista pode ser considerada como uma vertente do Jornalismo Literário ou Novo Jornalismo pela forma narrativa humanizada de algumas matérias.

O êxito de uma reportagem à moda piauiense, seja um perfil ou não, depende, quase sempre, do vaivém entre a descrição das peças e o funcionamento da engrenagem, da alternância entre a observação da árvore e a capacidade de enxergar a floresta, de certa tensão que se sustenta no tempo entre o particular e o geral, o miúdo e o abrangente (BARROS E SILVA, 2016, p. 11).

Portanto, a revista *piauí* demonstra algumas particularidades diferente dos demais veículos impressos que traçam perfis de leitores acostumados com a linha editorial mais profunda. Longas páginas que analisam e desenvolvem o Jornalismo de diversas maneiras, mas que se segmentam a um público que já possui conhecimento crítico para compreender as abordagens exploradas por seus jornalistas e colaboradores, mas que não deixa de alcançar novas pessoas.

3.2 Descrição dos processos metodológicos

Na elaboração da pesquisa foi feito um levantamento bibliográfico distribuído ao longo dos três capítulos em que o objeto de estudo são duas reportagens da revista *piauí*: Enigmas das Pandemias e O brasileiro cordial. Pois, o processo de análise é necessário para se chegar à resposta dos questionamentos deste trabalho.

Ao buscar a compreensão das características jornalísticas do conteúdo das reportagens, seguiu-se o método de pesquisa exploratório. Gil (2002), explica que

este tipo de análise é mais flexível, pois permite o planejamento investigativo de diversas maneiras.

Estas pesquisas têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses. Pode-se dizer que estas pesquisas têm como objetivo principal o aprimoramento de idéias ou a descoberta de intuições (GIL, 2002, p. 41).

Como consequência da pesquisa exploratória, na coleta de dados e informações também realiza-se a análise qualitativa. “A análise qualitativa depende de muitos fatores, tais como a natureza dos dados coletados, a extensão da amostra, os instrumentos de pesquisa e os pressupostos teóricos que nortearam a investigação” (GIL, 2002, p. 133). O autor ainda esclarece que a qualitativa se difere da análise quantitativa, pois, esta última frequentemente contém trabalho analítico sendo de costume a utilização de tabelas estatísticas para organização dos dados.

Desta maneira, pelo trajeto para compreender o resultado das análises permeia-se pelos conceitos teóricos realizados através das pesquisas documentais. “Toda a pesquisa se ancora em uma documentação e, por sua vez, ao seu término, também produz uma” (FONTANA, 2018, p. 60). Assim, tem-se a utilização de autores que escrevem sobre as práticas e técnicas de Jornalismo como Marques de Melo (2006), de História como Barros (2001), além de demais fontes de consulta. Sendo necessária a abordagem dos princípios da área e o desenvolvimento da reportagem para entender como os colunistas da revista *piauí* trabalharam estes elementos e as categorias em suas reportagens.

“Nesse sentido, as pesquisas possuem uma relação muito estreita e densa com um conjunto de materiais que facilmente pode ser identificado/classificado, considerando uma percepção dilatada, como documentos” (FONTANA, 2018, p. 60). Para dar continuidade ao conjunto de informações na pesquisa documental, o jornalismo de revista com as referências de Scalzo (2006) e Ali (2009) foi explanado logo no início deste trabalho para exemplificar a funcionalidade do informativo impresso no mercado. As autoras relacionam e discutem todo o processo editorial desde a escolha da pauta até a publicação. Além de analisar questões de público e segmentação.

Desta maneira, a revista *piauí*, publicação jornalística fundada em 2006 considerada formadora de opinião pelas abordagens críticas em seus conteúdos, contém nas longas páginas informativas temáticas para atender um público

específico de conhecimento mais amplo. Em decorrência disso, percorreu-se pela história da revista no mercado editorial brasileiro com as particularidades destacadas no artigo de Rollemberg (2014) e pelo contexto da pandemia da Covid-19 com as informações de entidades relacionadas à saúde. A delimitação foi escolhida sobre a pandemia, pois as matérias de dezembro e maio de 2020 estão entre o período de maior incidência da doença e os veículos de comunicação constantemente abordavam sobre a crise no Brasil e no mundo.

Ainda neste mapeamento, os jornalistas Paulo Lyra e Raphael Cariello resgataram em suas reportagens nas colunas *Tempos da peste* e *Vultos da saúde*, conceitos históricos para associar com as questões da pandemia e assim, explicaram como alguns acontecimentos podem ter relação no atual momento da crise sanitária no mundo. No estudo destes materiais, utiliza-se a análise do discurso para entender como os profissionais trabalham Jornalismo e História naquele cenário. Assim, pode-se entender a finalidade da análise de discurso na construção do sentido da reportagem. “Essa é a função da AD: explicar os caminhos do sentido e os mecanismos e estruturação do texto. Ou seja: explicar porque o texto produz sentido; não os sentidos contidos no texto” (FLORÊNCIO et al, 2009, p.27).

Portanto, ao compreender o contexto, suas relatividades na aplicação da História nas reportagens e a estrutura discursiva utilizada pelos jornalistas, passou-se assim, o caminho para a resposta das análises. Separadas por subitens selecionados com os elementos históricos e jornalísticos contidos nas matérias, como a presença de datas, fatos comparativos (passado e presente) e fontes de pesquisa utilizadas pelos profissionais. Seguida da explanação da análise, encontra-se uma tabela para melhor visualização e comparação da pesquisa realizada. Além disso, nos anexos constam as reportagens selecionadas para leitura.

Por fim, com todas as etapas realizadas e o discurso trabalhado, pôde-se concluir se a hipótese inicial respondia a problematização desta pesquisa.

3.3 Reportagens selecionadas

Para auxiliar na compreensão da continuidade deste trabalho, apresentam-se, a seguir, o resumo das reportagens a serem analisadas. Logo abaixo, um breve histórico sobre os jornalistas que assinaram as referidas matérias.

Anexo 1 - Edição 164 (Maio/2020) - “Enigmas das pandemias” na coluna “Tempos da peste”. O jornalista Rafael Cariello nesta reportagem aborda através das explicações de historiadores e demais especialistas como catástrofes naturais, comportamento social e até mesmo o acaso, envolveram a misteriosa pandemia da gripe espanhola de 1918. Doença esta, que possui aspectos enigmáticos e semelhantes à recente crise sanitária e humanitária da Covid-19.

Rafael Cariello - De acordo com o Lattes (CNPQ, 2021), Cariello possui graduação em História pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2002) e mestrado em Antropologia Social pela London School of Economics (2008). Trabalha como jornalista desde 2001. Na Folha de São Paulo (entre 2002 e 2012) foi editorialista e correspondente do jornal em Nova York nos Estados Unidos. Atualmente é editor na revista *piauí* (desde 2012) e doutorando em Economia pela Faculdade de Economia, Administração, Contabilidade e Atuária da Universidade de São Paulo (FEA-USP).

Anexo 2 - Edição 171 (Dezembro/2020) - “O brasileiro cordial” na coluna “Vultos da saúde”. O jornalista Paulo Lyra traz na reportagem a história do médico brasileiro Marcolino Gomes Candau. O especialista na área da saúde pública no país recusou o convite para o Ministério da Saúde no governo do Presidente João Goulart e conquistou, com seu jeito diplomático, destaque no Brasil e no exterior. Assim, chegou a ser diretor-geral da Organização Mundial da Saúde (OMS) por 20 anos (1953 a 1973). Atuou na prevenção de doenças e promoção da saúde, principalmente, pela erradicação da malária e da varíola no mundo, sendo esta última, não mais existente na humanidade.

Paulo Lyra - É jornalista e colaborador na *piauí* atualmente. Trabalhou em jornais, revistas e agências do Brasil e no exterior. Além disso, atuou em organizações ambientais e de saúde.

Em sequência ao conhecimento prévio das informações necessárias sobre as reportagens e dos colunistas, portanto, precisa-se entender o contexto da pandemia antes de seguir para a análise dos conteúdos selecionados.

Em 30 de janeiro de 2020, o Diretor-Geral da OMS, Dr. Tedros Adhanom Ghebreyesus, declarou o surto de COVID-19 uma Emergência de Saúde Pública de Preocupação Internacional. A declaração é o mais alto nível de

alarme da OMS - um apelo a todos os países para que tomem conhecimento imediatamente e tomem medidas (OMS, 2021).

A pandemia da Covid-19 dava sinais no fim de 2019 no exterior, mas começou a alertar no início de 2020 e em meados do mês de março teve um crescimento significativo no Brasil. Até então uma doença desconhecida que gerou medo e pânico em todos os cantos do mundo pela força e rapidez de contaminação entre as pessoas e conseqüentemente muitas mortes. Ainda se desconhece a verdadeira localidade de surgimento do surto.

A **Organização Mundial da Saúde (OMS)** declarou que o Covid-19, causado pelo novo **coronavírus**, já é uma **pandemia**. Segundo a Organização, **pandemia** é a disseminação mundial de uma nova doença e o termo passa a ser usado quando uma **epidemia, surto** que afeta uma região, se espalha por diferentes continentes com **transmissão sustentada** de pessoa para pessoa (FIOCRUZ, 2021).

A Fundação Oswaldo Cruz - Fiocruz (2021) acrescenta ainda que a humanidade já passou por algumas pandemias semelhantes à Covid-19, como a gripe suína (vírus H1N1) de 2009 que teve o fim em 2010, mas destacou também as anteriores como a gripe espanhola (1918-1920), peste negra (1300), entre outras. Desta maneira, comparações com outras epidemias duradouras que atravessaram anos para a compreensão da atual foram sendo utilizadas como objeto de estudo e referência.

Para colaborar com a Organização Mundial da Saúde (OMS), médicos, cientistas, biólogos, biomédicos, especialistas de diversas áreas trabalham para compreender a ação da doença nos indivíduos e os impactos na sociedade. Bem como, a atuação de entidades e órgãos de saúde tiveram destaque para agilizar o processo da vacinação em busca da erradicação da doença. “No início, mais de 130 cientistas, financiadores e fabricantes de todo o mundo se comprometeram a trabalhar com a OMS para acelerar o desenvolvimento de uma vacina contra COVID-19” (OMS, 2021).

A imprensa e os jornalistas, principalmente, desempenham um papel importante com as informações frequentes e atualizadas sobre a pandemia. “A mídia também tem sido um parceiro e público-chave. A OMS compartilhou os últimos desenvolvimentos sobre COVID-19 durante mais de 130 briefings para jornalistas” (OMS, 2021).

Apesar de informações, campanhas e imunização da população mundial ainda existem muitas dúvidas que profissionais procuram respostas com frequência para a pandemia da Covid-19. “A pandemia ainda grassa em grandes partes do mundo. Existem enormes lacunas de financiamento” (OMS, 2021). Por outro lado, a Fiocruz (2021) destaca as consequências da crise sanitária em todas as áreas devido à quarentena e isolamento social obrigatório realizado pela população de vários países.

A estimativa de infectados e mortos concorre diretamente com o impacto sobre os sistemas de saúde, com a exposição de populações e grupos vulneráveis, a sustentação econômica do sistema financeiro e da população, a saúde mental das pessoas em tempos de confinamento e temor pelo risco de adoecimento e morte, acesso a bens essenciais como alimentação, medicamentos, transporte, entre outros (FIOCRUZ, 2021).

Além disso, segundo dados recentes da OMS (2021), na somatória de todos os países, são cerca de mais de 250 milhões de casos confirmados da doença, mais de 2 milhões de mortes e mais de 7 milhões de doses de vacinas administradas ao redor do mundo. “A resposta da OMS ao Covid-19 foi baseada nas lições aprendidas em surtos anteriores” (OMS, 2021). Portanto, a crise sanitária se assemelha com outras pandemias já mencionadas pela sua velocidade e principalmente, intensidade, porém, as novas tecnologias e profissionais caminham juntos por soluções cada vez mais eficientes para evitar os mesmos erros do passado.

3.4 Análises

Para esta análise, buscaram-se identificar conceitos históricos presentes nas reportagens selecionadas para a compreensão da pandemia através dos elementos assim destacados, como a presença de datas, fatos comparativos (passado e presente) e as fontes de pesquisa utilizadas pelos jornalistas, que serão explicadas a seguir.

3.4.1 Presença de datas

As datas estão presentes em alguns momentos dos dois conteúdos relacionados à pandemia e saúde, como uma maneira de abordagem na construção da narrativa para explicar os acontecimentos de acordo com as circunstâncias relatadas, pois, o tempo pode ser considerado um fator determinante na organização dos contextos históricos na construção das reportagens. “A passagem do tempo tem uma dimensão central na existência natural e humana e, por isso, não poderia deixar de ocupar um lugar privilegiado na história do pensamento” (NEIVA, 2013, p. 539). Assim, no **Anexo 1**, Enigmas das pandemias, as datas se apresentam nas seguintes passagens:

No segundo parágrafo, o ano de 1918 se destaca por dois momentos importantes da história mundial. Primeiramente, o *enigma* de que se trata a reportagem de Rafael Cariello é o tema central da reportagem: a intrigante gripe que ocorreu naquele ano e seguiu-se até 1920. O jornalista formado em História detalha ao longo do trecho sobre a doença referenciando em obras que procuram as respostas para a pandemia que matou milhões de pessoas ao redor do mundo. “Concentrada no final de 1918, a pior onda da doença promoveu o espetáculo infernal de corpos empilhados nas ruas, de cadáveres que se acumulavam em velocidade maior do que os coveiros conseguiam enterrar” (PIAÚÍ, 2021).

Ainda no mesmo momento, a data ainda torna-se mais uma vez relevante pela pandemia atravessar o último ano da Primeira Guerra Mundial (1914-1918). “Foi batizada de “espanhola”, no entanto, em virtude da neutralidade de Madri no conflito mundial. A imprensa na Espanha, livre da censura militar, foi a primeira a dar notícia da epidemia” (PIAÚÍ, 2021). Nota-se que neste parágrafo, Cariello procurou contextualizar os impactos da pandemia no grande conflito e ainda explicou as origens do nome da doença.

No trigésimo quinto parágrafo, a narrativa caminha para os anos seguintes. A gripe asiática de 1957 e a gripe russa de 1977 passaram a entrar na discussão.

“Mas havia o caso da ‘gripe russa’. Em 1977, houve uma ameaça de pandemia, que ganhou esse nome. Um vírus H1N1 que emergiu, mas só infectou gente com menos de 20 anos. Depois, quando foram analisá-lo, percebeu-se que esse vírus era igual ao de 1957” (PIAÚÍ, 2021).

Conforme citação acima de um dos historiadores mencionados por Cariello, décadas depois do fim da gripe de 1918, os dois surtos foram intrigantes para cientistas e especialistas, mas não se podia comparar a espanhola que até hoje as origens do vírus são desconhecidas.

No quadragésimo segundo parágrafo, o texto inicia em outro bloco com a primeira letra em destaque para mudar o viés que pode ter relação com as pandemias: os desastres naturais. Na pesquisa do jornalista, assim como um surto mata milhões de pessoas, as reações da natureza agem da mesma maneira e cita o terremoto. “Às 17h36 do dia 27 de março de 1964, o Alasca foi atingido pelo segundo maior terremoto já registrado no mundo, e o maior de todos os tempos na América do Norte” (PIAUÍ, 2021).

Do mesmo modo, no quadragésimo nono parágrafo com outro desastre em 1985. “Mas, os especialistas do Centro de Pesquisa de Desastres encontrariam o mesmo tipo de reação em sociedades bastante diferentes, e mesmo nas mais desiguais. Foi o que aconteceu, por exemplo, no terremoto do México, em 1985” (PIAUÍ, 2021).

Já nos parágrafos sexagésimo terceiro e sexagésimo quarto explanou sobre a pandemia da peste negra que ocorreu no século XIV entre 1347 a 1353. “Também foi assim na Idade Média, na catástrofe demográfica do século xiv, provocada em grande medida pela peste negra – que chegou à Europa em ratos que atravessaram o Mediterrâneo nos navios que faziam o comércio com o Oriente” (PIAUÍ, 2021).

Para historiadores, o surto é considerado como um dos mais devastadores da humanidade. Cariello utilizou, mais uma vez, referências de obras de historiadores para argumentar a interferência das condições econômicas e sociais na proliferação da doença naquele momento.

Por outro lado, no **Anexo 2** em O brasileiro cordial, um momento da História do Brasil se inicia logo no primeiro parágrafo. “Sete dias depois que o presidente João Goulart anunciou sua nomeação para ministro da Saúde, o médico Marcolino Gomes Candau, então com 51 anos, desembarcou no aeroporto do Rio de Janeiro” (PIAUÍ, 2021). O trecho segue com a referência dos primeiros anos de presidência de João Goulart que havia tomado posse um ano antes, em 1961. Porém, conforme a História que se conhece, permaneceu até o Golpe de 1964. Entretanto, o jornalista Paulo Lyra destaca também a escalção de ministros - como Candau que havia

recusado mais tarde e, inclusive Walther Moreira Salles (Fazenda), pai do dono da revista *piauí* - João Moreira Salles, como um dos nomeados na época.

No quarto parágrafo, o ano é de 1960. Candau havia sido eleito em 1953 como diretor-geral da Organização Mundial de Saúde (OMS), porém, nos primeiros anos teve que passar por um momento conturbado, o escândalo da talidomida. Segundo Lyra, foi considerado o maior escândalo médico da história.

No correr do ano de 1960, começou a circular a informação de que bebês na Alemanha, na Bélgica e na Holanda haviam nascido com focomelia, uma anomalia rara que se caracteriza pela ausência, ou redução, de braços ou pernas (PIAUÍ, 2021).

O jornalista retoma no sétimo parágrafo, a juventude de Candau que estava embarcando para os EUA com sua esposa em 1940, um ano após a explosão da Segunda Guerra Mundial (1939 - 1945). Na narrativa, Lyra destaca sobre os registros dos estrangeiros no país na época do momento conturbado, já que os americanos entrariam no conflito pouco tempo depois.

A bordo do vapor Mauá, Candau e Ena aportaram em Nova York no dia 12 de agosto de 1940. Ele tinha 29 anos e ela, 25. A Segunda Guerra Mundial completaria 1 ano naquele mês, mas os Estados Unidos ainda não participavam do conflito. Dois meses depois do desembarque do casal, as tensões cresceram e o governo norte-americano começou a registrar todos os estrangeiros no país (PIAUÍ, 2021).

Desta maneira, em decorrência do fim da Segunda Guerra em 1945 e para a colaboração mútua entre os países, o nono parágrafo traz a fundação de duas entidades internacionais importantes no mundo: a Organização das Nações Unidas (ONU) em 1945 e a discussão para a fundação da OMS naquele mesmo ano, mas que somente seria criada oficialmente em 1948, conforme trecho a seguir.

O Brasil e a China foram os únicos países que enviaram médicos para a Conferência de São Francisco, que oficializou a criação das Organizações das Nações Unidas (ONU). Entre goles e garfadas, Paula Souza e Szeming tiveram a ideia de criar, sob o guarda-chuva da ONU, uma organização global para cuidar da saúde. A proposta de última hora foi submetida ao plenário e aprovada. Nascia assim a OMS. Três anos depois, a organização saiu do papel (PIAUÍ, 2021).

Em continuidade a importância das organizações mundiais de saúde e direitos humanos, no parágrafo seguinte - o décimo, o jornalista relata brevemente sobre a criação da Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS) em 1902. “Fundada em 1902, a OPAS travava exaustivas negociações para tornar-se um

braço regional da OMS no continente americano sem, no entanto, perder sua autonomia”. Embora mais antiga, a entidade desejava integrar-se em 1947.

Além disso, a história do médico Candau na OMS continuava a atravessar momentos de tensão, conforme se pode observar no décimo oitavo parágrafo da reportagem.

O bloco socialista liderado pela União Soviética, que abandonara a OMS em 1949, anunciou sua volta à entidade em 14 de fevereiro de 1956. Onze dias depois, o líder Nikita Krushev denunciou os crimes de Stálin no 20º Congresso do Partido Comunista. Era um novo cenário global e os soviéticos estavam interessados em atenuar a escalada da Guerra Fria (PIAUÍ, 2021).

Apesar do momento de conflito entre as potências, Lyra destaca que os russos tinham a intenção de abrir cooperações com os americanos naquele momento e Candau nas campanhas pela erradicação da varíola, contou com os esforços dos russos desta vez.

Tabela 1 - Presença de datas nas reportagens

Anexo 1 - Enigmas das pandemias	Anexo 2 - O brasileiro cordial
2º parágrafo (1918): Gripe espanhola (1918-1920)	2º parágrafo (1962): Presidente do Brasil João Goulart (1961-1964)
12º parágrafo (1918): Primeira Guerra Mundial (1914-1918)	4º parágrafo (1960): Escândalo da talidomida
35º parágrafo (1957 e 1977): Gripe asiática e gripe russa	7º parágrafo (1940): Segunda Guerra Mundial (1939-1945)
42º parágrafo (1964): Terremoto no Alasca	9º parágrafo (1945): Fim da Segunda Guerra Mundial e criação da ONU
49º parágrafo (1985): Terremoto no México	10º parágrafo (1902): Fundação da OPAS
63º e 64º parágrafos (1347 e 1353): Peste Negra	18º parágrafo (1956): Guerra Fria (1947-1989)

Fonte: Elaborada pela autora, 2021.

3.4.2 Fatos comparativos

Como é de conhecimento, as duas reportagens abordam a pandemia de Covid-19. Desta maneira, na construção dos conteúdos sobre saúde, os jornalistas comparam algumas situações que já ocorreram no passado com as da atual crise sanitária no mundo. Nas famosas palavras do filósofo Karl Marx em 1852: “A história se repete como tragédia ou como farsa”. Portanto, nos parágrafos a seguir, pode-se observar, através dos argumentos utilizados nas matérias, a necessidade de traçar um paralelo comparativo para a compreensão do leitor com a realidade em que vive hoje.

No **Anexo 1**, Rafael Cariello, destaca na imagem ilustrativa antes de iniciar a narrativa da matéria, duas moças usando panos que tampam nariz e boca como proteção contra a gripe espanhola de 1918, situação semelhante aos métodos (uso de máscaras) recomendados para evitar a contaminação da Covid-19 pela população mundial neste momento de pandemia.

Além disso, no segundo parágrafo, Cariello relata sobre a quantidade de pessoas mortas de gripe espanhola nos principais cantos do mundo. De certa maneira, não difere da atual pandemia que já enterrou milhões de pessoas rapidamente, conforme informado no item anterior deste trabalho. “Estima-se que a pandemia tenha dizimado entre 50 e 100 milhões de pessoas, de Nova York a Pequim, do Rio de Janeiro a Oslo. Em números absolutos, provavelmente nada matou tanto, em tão pouco tempo, na história humana” (PIAUÍ, 2021).

Para elucidar a crise e isolamento das pessoas, o jornalista compara, no décimo quinto parágrafo, com o trecho do livro de memórias do escritor Pedro Nava - que sofreu os impactos da pandemia de 1918, com as consequências da Covid-19, conforme a seguir.

“Tráfego rareado, cidade vazia e meio morta, casas de diversão pouco cheias, conduções sempre fáceis, as regatas, as partidas de water-polo e futebol quase sem assistentes [...] O espantoso já não era a quantidade de doentes, mas o fato de estarem quase todos doentes e impossibilitados de ajudar, tratar, transportar comida, vender gêneros, aviar receitas, exercer, em suma, os misteres indispensáveis à vida coletiva” (PIAUÍ, 2021).

Ainda, em outro momento, no décimo sexto parágrafo, utiliza mais uma citação - desta vez de Nelson Rodrigues, sobre o estado de calamidade nas ruas do Rio de Janeiro no surto de gripe espanhola. Situação esta, similar à que alguns

países presenciaram no momento de pico da Covid e em que a maioria das pessoas tinham temor da contaminação.

Muitos caíam, rente ao meio-fio, com a cara enfiada no ralo. E ficavam lá, estendidos, não como mortos, mas como bêbados. Ninguém os chorava, ninguém. Nem um vira-latas vinha lambê-los. Era como se o cadáver não tivesse nem mãe, nem pai, nem amigo, nem vizinho, nem ao menos inimigo” (PIAUÍ, 2021).

Na sequência, no décimo oitavo parágrafo, Cariello continua a narrativa sobre o pico da doença. Da mesma maneira, conforme noticiavam as grandes mídias com as informações do Ministro da Saúde à época, Luiz Henrique Mandetta, teve o auge em 2020 e seguiu para o ano seguinte.

“No mundo todo, a gripe espanhola conheceu três grandes ondas, a primeira no início de 1918, a derradeira em 1919. A mais forte, que provocou um número incomparável de mortes, foi a segunda vaga, entre setembro e novembro de 1918” (PIAUÍ, 2021).

Já trigésimo nono parágrafo, o jornalista destaca através da fala de um pneumologista sobre as características da gripe espanhola, mais uma vez, similaridades ao que a Covid afeta nos órgãos do sistema respiratório dos seres humanos. “Assim, a resposta imunológica do corpo ao vírus contribuía para os danos aos pulmões, para a patologia da doença, para os efeitos sérios da doença e a morte” (PIAUÍ, 2021).

Entretanto, no quadragésimo quarto parágrafo, Rafael Cariello continua a narrativa ao fazer uma observação comparativa das duas doenças com desastres naturais como terremotos, furacões e acidentes nucleares. Do mesmo modo com a Covid-19 que causou diversos impactos significativos nos setores da sociedade - além da saúde, também a economia. Conforme explicou recentemente o pesquisador da Rede CLIMA, Edson Domingues, ao site do governo: “Um dos aspectos de longo prazo dos efeitos da pandemia é o impacto sobre emprego, mercado de trabalho e das próprias fatalidades sobre a geração de consumo e renda” (MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E INOVAÇÕES, 2021). Sendo assim, Cariello usou uma nova citação de um especialista na reportagem para elucidar desastres com pandemia.

“Um episódio súbito, calamitoso, que afeta e prejudica o funcionamento de uma comunidade ou sociedade, e que provoca perdas humanas, materiais, econômicas ou ambientais acima das capacidades de resposta daquela comunidade ou sociedade, lançando mão de seus próprios recursos” (PIAUÍ, 2021).

E por fim, no sexagésimo terceiro parágrafo, o jornalista da *piauí* relaciona com as aglomerações e o contato entre as pessoas. Assim, outro especialista colaborou na reportagem: “Isso é verdadeiro para toda doença infecciosa. O contato gera a possibilidade, o risco de infecções” (PIAUÍ, 2021). Uma maneira de reforçar que para as duas doenças, o distanciamento social deve ser praticado para evitar a propagação e consequentes tragédias.

Por outro lado, no **Anexo 2**, a narrativa de Paulo Lyra foi diferente da abordagem de Rafael Cariello pelo fato de trazer uma personalidade e seu papel em uma importante entidade mundial de saúde. Desta maneira, os parágrafos a seguir, comparam com a pandemia da Covid-19 as situações que a OMS e seu diretor-geral enfrentavam as doenças infecciosas durante as décadas de 50 a 70 (malária e varíola) e a atuação da entidade em outras questões relacionadas à saúde mundial.

Desta maneira, nas primeiras páginas da reportagem, no terceiro parágrafo, Lyra analisa o esforço da entidade ao longo dos anos para se transformar em uma importante referência em favor da saúde mundial de hoje.

Na pandemia do novo coronavírus, a maior crise sanitária que enfrenta desde sua fundação, a OMS teve um papel decisivo em defesa da ciência e das pesquisas, na difusão de informações confiáveis e na adoção de medidas de precaução (PIAUÍ, 2021).

Ainda, no quinto parágrafo, o jornalista observa que, assim como na batalha para acabar com a pandemia de Covid-19 no mundo, a OMS lutava pela erradicação da malária, que na época, estava em alta. Lyra também menciona o avanço tecnológico na ciência e as campanhas na tentativa de combate à doença.

Na época, Candau e sua equipe estavam concentrados na erradicação da malária. As campanhas de eliminação de enfermidades ganharam impulso depois da Segunda Guerra Mundial, graças a extraordinários desenvolvimentos tecnológicos (PIAUÍ, 2021)

Além do destaque da OMS, no décimo primeiro parágrafo, a reportagem continua a ressaltar a vida de Candau na passagem ao importante centro de pesquisa que se conhece hoje: a Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz). “Pouco depois, passou a lecionar no Instituto Oswaldo Cruz, que mais tarde seria integrado à Fiocruz. Foi seu último cargo no Brasil, desconsiderando o ministério-fantasma no governo João Goulart” (PIAUÍ, 2021). A fundação brasileira vinculada ao Ministério da Saúde de referência internacional nas pesquisas e vacinas, inclusive, contra a

Covid-19, tem como missão “Promover a saúde e o desenvolvimento social, gerar e difundir conhecimento científico e tecnológico, ser um agente da cidadania (FIOCRUZ, 2021).

No décimo segundo parágrafo, a organização de saúde, ainda caminhava para se popularizar entre os países. “A OMS era um organismo ainda indefinido, de futuro incerto. Sua função resumia-se a melhorar a atenção à saúde promovida pelos países em desenvolvimento” (PIAUÍ, 2021). Se antes ele promovia somente a saúde para a prevenção de doenças, entretanto, nota-se a amplitude das ações junto a ONU atualmente.

Entretanto, no décimo sétimo parágrafo, Lyra volta às ações persistentes de Candau para erradicar a malária, mas o uso do medicamento foi o questionamento na época.

Milhões de toneladas de DDT foram usados no mundo todo e ajudaram a eliminar a malária da Europa e dos Estados Unidos. Com o passar do tempo, os mosquitos se tornaram resistentes ao DDT. Logo depois se descobriu que, além de eliminar insetos, ele também causava câncer. O DDT era a talidomida da vez (PIAUÍ, 2021).

Não se pode comparar ao uso da talidomida que causou má formação de fetos em 1960 em alguns países da Europa, conforme explicou Lyra na Reportagem sobre o escândalo do remédio na época. Porém, na pandemia de Covid-19 a polêmica de medicamentos também teve destaque com a ivermectina. O jornalista não cita, mas poderia se comparar ao mesmo caso, conforme nota técnica sobre o remédio disponibilizada pelo governo brasileiro:

Os resultados desta síntese não parecem ser suficientes para suportar recomendação de uso da ivermectina no tratamento de pacientes com COVID-19, sendo que a recomendação da OMS para que a ivermectina seja utilizada, apenas, em protocolos de pesquisa clínica parece ser adequada (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2021).

Além da polêmica de medicamentos, países têm seus posicionamentos em relação a campanhas de saúde, conforme se analisa no décimo oitavo parágrafo. O jornalista destacou o isolamento russo em 1949, mas o país voltou atrás anos depois e colaborou com as ações da OMS, desta vez, contra a varíola. “Achavam que a varíola tinha que esperar. Literalmente, faltou combinar com os russos. O bloco socialista liderado pela União Soviética, que abandonara a OMS em 1949, anunciou sua volta à entidade em 14 de fevereiro de 1956” (PIAUÍ, 2021).

Desta maneira, Lyra também destacou as questões políticas, como a atual manobra de desvio das ações da organização realizadas pelos EUA e Brasil em uma nota ao fim da reportagem.

A atuação da OMS levou o presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, a boicotar a organização, repetindo o mesmo gesto isolacionista que a União Soviética adotou em 1949. Em maio passado, Trump anunciou que deixaria a organização e, em julho, oficializou o afastamento da entidade, da qual os Estados Unidos são os principais financiadores. O presidente Jair Bolsonaro, como de costume, seguiu Trump e também ameaçou que o Brasil poderia abandonar a entidade. Acusou-a de atuar com “viés ideológico” (PIAUI, 2021).

Com a autonomia dos estados, resistências acontecem em meio ao caos. Entretanto, a OMS que já passou pelo mesmo ocorrido um ano após ser fundada em 1948, permanece com o objetivo de incentivar e promover a saúde no mundo.

Tabela 2 - Fatos comparativos nas reportagens

Anexo 1 - Enigmas das pandemias	Anexo 2 - O brasileiro cordial
Foto destaque: Proteção da doença	3º parágrafo: Papel da OMS
2º parágrafo: Muitas mortes	5º parágrafo: Combate de doenças
15º parágrafo: Isolamento social	11º parágrafo: Importância da Fiocruz
16º parágrafo: Estado de calamidade	12º parágrafo: Popularização OMS
18º parágrafo: Pico da doença	17º parágrafo: Medicamentos
39º parágrafo: Danos à saúde	18º parágrafo: Questões políticas
44º parágrafo: Impactos sociais	Nota: Boicote à OMS
63º parágrafo: Contágio	

Fonte: Elaborada pela autora, 2021.

3.4.3 Fontes de pesquisa

Na construção da reportagem sobre a pandemia, os jornalistas utilizaram fontes de pesquisa para a elaboração da narrativa em diferentes abordagens sobre questões relativas à pandemia da Covid-19. Desta maneira, notam-se a utilização de fontes documentais que interagem com o enredo ao longo dos parágrafos.

Sendo assim, o trabalho realizado pelos profissionais da comunicação traz similaridades com as atividades dos historiadores quando utilizam fontes históricas para a construção do conteúdo que requerem este tipo de fundamentação. “A fonte histórica é aquilo que coloca o historiador diretamente em contato com o seu problema. Ele é precisamente o material através do qual o historiador examina ou analisa uma sociedade no tempo” (BARROS, 2002, p. 134). Para que assim, as informações tenham ligações, e principalmente, objetividade e confiabilidade no que está sendo transmitido. Mas ainda, que os eventos do passado façam sentido nas questões do presente que estão sendo apresentadas ao leitor. Deste modo, nas análises a seguir, serão apresentadas a utilização das fontes de pesquisa percorridas pelos jornalistas nos dois conteúdos.

Como informado antes, Rafael Cariello além de jornalista é também historiador e antropólogo. Neste sentido, ao desenvolver um acontecimento histórico e ainda enigmático, buscou enfatizar na narrativa trechos relacionados à História e falas de especialistas.

Para tanto, ao começar a reportagem do **Anexo 1**, no primeiro parágrafo para contexto introdutório, o jornalista trouxe como referência a geógrafa canadense Kirsty Duncan, motivada por suas pesquisas em 1998 no frio da Noruega para descobrir as causas da gripe espanhola.

No segundo parágrafo, o jornalista usou um livro de especialistas que estudaram o surto que matou milhões e que também buscam explicações e respostas nos tempos mais recentes para o ocorrido na época.

Na introdução do livro *The Spanish Influenza Pandemic of 1918-19* (A pandemia de influenza espanhola de 1918-19), volume com artigos de historiadores, médicos e virologistas publicado em 2003, os organizadores admitiam que a pergunta mais básica de todas ainda não havia sido respondida: “Por que ela foi tão letal?” (PIAUI, 2021).

Já no sexto parágrafo, expõe as pesquisas da geógrafa citada no início. A equipe pretendia achar através dos corpos congelados um DNA que poderia ser a resposta para a doença letal, assim, fez uma comparação das atividades da equipe de Duncan para as descobertas nas geleiras com a conhecida obra de dinossauros *Jurassic Park*.

No livro *Jurassic Park*, de Michael Crichton – transformado em sucesso de bilheteria por Steven Spielberg –, uma empresa de engenharia genética consegue recuperar toda a informação do DNA de dinossauros,

armazenada em minúsculas quantidades de sangue no corpo de insetos pré-históricos, que, por sua vez, estavam preservados em resina vegetal (PIAUÍ, 2021).

Entretanto, no nono parágrafo, ao trazer para uma realidade mais próxima e possível para a compreensão da gripe espanhola sobre as pesquisas com coletas de DNAs, o jornalista revelou o posicionamento de um especialista sobre o assunto. “A gente ainda está longe de um *Jurassic Park*’, explicou o epidemiologista Francisco Inácio Bastos, pesquisador da Fundação Oswaldo Cruz” (PIAUÍ, 2021).

No décimo parágrafo, a reportagem continua na busca por respostas à pandemia da gripe espanhola. Desta vez, apresentou fragmentos da obra publicada por um historiador conforme:

No livro *America’s Forgotten Pandemic* (A pandemia americana esquecida), escrito nos anos 1970, o historiador Alfred Crosby afirmava que o “sonho dos cientistas pesquisando a influenza” era poder, de alguma forma, obter espécimes do vírus causador da doença (PIAUÍ, 2021).

Ainda, no décimo terceiro parágrafo, Cariello continua a abordagem com utilização das fontes documentais, os livros sobre o assunto tornam-se elementos argumentativos na reportagem. Assim, a referência foi a obra de uma jornalista que escreveu sobre a história da gripe espanhola.

Algo semelhante se passou nos Estados Unidos, de acordo com a jornalista Gina Kolata, autora de *Gripe: A História da Pandemia de 1918*: “Quando a peste veio, naqueles frios dias de outono, houve quem dissesse que era uma terrível nova arma de guerra”, desenvolvida e disseminada pela Alemanha (PIAUÍ, 2021).

Em continuidade à explicação, no décimo quarto parágrafo, os relatos de quem viveu a pandemia de 1918. Desta maneira, registros da obra do médico e escritor mineiro, Pedro Nava contribuíram para afirmar as consequências do surto. “A espanhola instalou-se entre nós em setembro, cresceu no fim desse mês e nos primeiros do seguinte’, registrou o escritor mineiro num de seus volumes de memórias, *Chão de Ferro*” (PIAUÍ, 2021).

Também relata no décimo sexto parágrafo, sobre as memórias durante a conturbada fase de crise sanitária do escritor brasileiro Nelson Rodrigues. Uma personalidade conhecida que destacou os horrores da época em suas obras e mais tarde lembrou sobre o resultado da passagem da doença. “O dramaturgo Nelson Rodrigues registrou a calamidade em suas memórias. ‘O sujeito morria nos lugares

mais impróprios, insuspeitados: na varanda, na janela, na calçada, na esquina, no botequim [...]” (PIAUÍ, 2021).

Contudo, no décimo oitavo parágrafo, a abordagem passa a dar voz à fonte. Um especialista foi trazido para comentar sobre as ondas da doença e explicar sobre a sua queda. Assim, o profissional pôde relacionar os dois momentos: o atual e o passado das pandemias para a abordagem de uma nova referência informativa.

O virologista Maurício Nogueira, chefe do departamento de doenças infecciosas da Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto, explica que o declínio no contágio e na mortalidade da gripe espanhola se deveu à criação de uma “imunidade de manada” (PIAUÍ, 2021).

Porém, no quadragésimo segundo parágrafo, percebe-se também a utilização da “imprensa como fonte” (MARQUES DE MELO, 2006, p. 225). Em outras palavras, jornais como fontes de pesquisa e informação. “Estima-se que entre 130 e 140 pessoas tenham morrido. ‘A maior cidade do Alasca parece hoje sacudida e rasgada pelas garras de um monstro’, dizia o despacho da Associated Press sobre a tragédia” (PIAUÍ, 2021).

Assim, ao longo da reportagem o jornalista trouxe contribuições diversificadas e fundamentadas em fontes documentais sobre a gripe de 1918 com o objetivo de encontrar respostas para o surto da época e uma possível explicação para a atual pandemia.

Por outro lado, no conteúdo do **Anexo 2** em *O brasileiro cordial*, a reportagem sobre o diretor-geral da OMS no século passado baseia-se, por sua maioria, em fontes documentais e históricas de jornais da época para entender e acompanhar a trajetória do médico brasileiro especialista em saúde pública pelo importante papel na organização. Além disso, o jornalista Paulo Lyra expôs ao fim da reportagem as dificuldades em encontrar material de pesquisa sobre o personagem. Assim, a seguir, a análise da publicação.

Inicia-se, portanto, com destaque ao título. O tema de brasileiro cordial foi explicado por Lyra na reportagem sobre as qualidades pessoais de Candau com amigos e conhecidos, mas pela análise histórica, pode-se associar a escolha do tema ao conceito histórico de “O homem cordial”, abordado em *Raízes do Brasil* por Sérgio Buarque de Holanda. Deste modo, um comportamento característico do povo brasileiro que é enxergado pelos estrangeiros, conforme o olhar do historiador.

A lhaneza no trato, a hospitalidade, a generosidade, virtudes tão gabadas por estrangeiros que nos visitam, representam, com efeito, um traço definido do caráter brasileiro, na medida, ao menos, em que permanece ativa e fecunda a influência ancestral dos padrões de convívio humano, informados no meio rural e patriarcal. Seria engano supor que essas virtudes possam significar “boas maneiras”, civilidade. São antes de tudo expressões legítimas de um fundo emotivo extremamente rico e transbordante (HOLANDA, 1995, p. 146-147).

Desta maneira, no primeiro parágrafo introdutório, o jornalista traz como fonte, materiais da imprensa do Brasil na época em que Candau foi convidado a integrar o Ministério da Saúde. “Em entrevista ao repórter do Diário Carioca que o esperava na chegada, foi lacônico. Disse que ainda não tinha planos para anunciar” (PIAUÍ, 2021). Além de destacar a informação do importante folhetim internacional.

Quando os nomes foram aprovados pela Câmara dos Deputados, um requisito do regime parlamentarista de então, o jornal *The New York Times* noticiou o assunto na capa, sugerindo que encerraria a crise política que o governo enfrentava naquele momento (PIAUÍ, 2021).

No segundo parágrafo, Lyra continua com a pesquisa e utiliza como fonte um documento oficial do governo. “Nunca foi ministro da Saúde do Brasil, nunca assumiu o posto e nunca tomou qualquer medida como tal, embora até o Diário Oficial da União informe que foi ministro por 68 dias e mandou construir aquele hospital” (PIAUÍ, 2021). Embora não tenha assumido o posto, a rápida passagem de Candau pelo ministério em 1962 foi informada publicamente. Estes dados oficiais são acessíveis a todos os brasileiros.

O Diário Oficial é um jornal governamental municipal, federativo e estadual. Sua principal finalidade é informar todos os assuntos oficiais e tornar público todas as decisões tomadas, reuniões, editais, nomeações e todos os demais assuntos que possam interessar à população (E-DOU, 2021).

Ainda na construção da reportagem sobre Candau e a atuação ainda no Brasil no Serviço Especial de Saúde Pública (Sesp), no oitavo parágrafo, apresenta-se uma breve referência da aparição da personalidade na popular revista americana, em sinal a notoriedade que começou a ganhar no mundo. “Nesse período, como se estivesse predestinado a se projetar no cenário internacional, apareceu numa reportagem publicada pela revista *Time*, que citou seu ‘rosto redondo’ e fez menção elogiosa ao seu trabalho no Sesp” (PIAUÍ, 2021).

Quando já estava na OMS, no décimo sétimo parágrafo Lyra destaca a crítica ao uso da medição DDT contra a malária em 1962 de uma jornalista na revista

americana *New Yorker*. Publicação esta, inclusive, uma das referências de editorial da revista *piauí*, conforme mencionado anteriormente neste trabalho (item 3.1).

Em 1962, a revista *New Yorker* publicou três capítulos da obra *Primavera Silenciosa*, na qual Rachel Carson criticava duramente o uso indiscriminado de agrotóxicos e documentava, com base em resultados de pesquisas públicas e privadas, seu efeito negativo sobre plantas e animais (PIAÚÍ, 2021).

Além disso, no vigésimo primeiro parágrafo, as cartas a Candau foram relatadas na reportagem. Nota-se a pesquisa com as pessoas que estiveram em algum momento com o médico brasileiro. Naquele ano solicitava assim, uma obra de arte para a inauguração da nova sede da OMS em Genebra. “Em novembro de 1964, Iberê Camargo escreveu uma carta a Candau em francês, explicando os detalhes da obra. Também fez perguntas sobre as madeiras disponíveis na Suíça” (PIAÚÍ, 2021).

Já no vigésimo sétimo parágrafo, pode-se perceber a utilização da fonte oral como em outros momentos da reportagem. Não há falas, porém, o detalhamento nas informações sugere a coleta de testemunhos reproduzidos em forma de texto. Aliás, similar ao trabalho de historiadores no campo da História Oral, conforme explica Barros (2002):

Um historiador pode estabelecer como enfoque a História Política ou a História Cultural, e selecionar como abordagem a História Oral. Isto significa que ele irá produzir o essencial dos seus materiais de investigação e reflexão a partir da coleta de depoimentos, que depois deverá analisar com os métodos adequados (BARROS, 2002, p. 132-133).

Por outro lado, no décimo oitavo parágrafo, para relatar a morte de Candau em 1983 trouxe à narrativa as causas do óbito e o que jornais internacionais da época noticiaram sobre o falecimento. “O *New York Times* e o *Le Monde* publicaram seu obituário. ‘Um brasileiro caloroso, combativo e perseverante, que não tinha medo de fórmulas de choque ou de ideias novas’, registrou o jornal francês” (PIAÚÍ, 2021).

Ainda, no vigésimo nono parágrafo, acrescenta para firmar a cordialidade que enalteceu Candau ao longo da passagem pela OMS, os escritos na sua morte de um companheiro de medicina.

Pode haver um pequeno número de médicos de estatura comparável, mas nenhum que possa igualar sua contribuição à prevenção de doenças, promoção da saúde e, acima de tudo, ao cuidado de pessoas”, escreveu o ex-médico-chefe do Reino Unido, sir George Godber, na ocasião. Tinha

uma admiração especial pelo brasileiro. “Candau era um homem cordial, despretensioso e amigável (PIAUÍ, 2021).

Por fim, no trigésimo primeiro parágrafo, o jornalista analisa a pesquisa por fontes no processo de apuração de materiais sobre a vida e carreira do médico brasileiro. “Em contraste com a sua projeção internacional, a informação sobre Candau no Brasil é quase inacessível” (PIAUÍ, 2021). Além disso, descreveu os caminhos percorridos na busca por conteúdos para produzir a reportagem.

Tabela 3 - Fontes de pesquisa nas reportagens

Anexo 1 - Enigmas das pandemias	Anexo 2 - O brasileiro cordial
1º parágrafo: Geógrafa	Título: Historiador
2º parágrafo: Pesquisadores	2º parágrafo: Documento oficial
6º parágrafo: Escritor	8º parágrafo: Revista
9º parágrafo: Epidemiologista	17º parágrafo: Revista
10º parágrafo: Historiador	21º parágrafo: Cartas
13º parágrafo: Jornalista	27º parágrafo: Oral
14º parágrafo: Escritor	28º parágrafo: Jornais
16º parágrafo: Dramaturgo	29º parágrafo: Publicação
18º parágrafo: Virologista	31º parágrafo: Pesquisa de campo
42º parágrafo: Jornal	

Fonte: Elaborada pela autora, 2021.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na retomada ao tema deste trabalho “Revista *piauí*: apropriação histórica para a compreensão da pandemia” procurou-se compreender ao longo do processo construtivo responder aos questionamentos da problemática levantada no início: “Como a Revista *piauí* se apropria da História como proposta de diferenciação editorial? Qual o diferencial e características desse tipo de reportagem? Quais critérios jornalísticos foram utilizados na construção das matérias relacionadas à pandemia na revista?”. Desta maneira, os estudos foram baseados nas abordagens históricas que continham nos conteúdos.

Contudo, seguiram-se os fatos. Um impresso com quase uma centena de conteúdos informativos divididos em assuntos variados. Reportagens que beiram entre 15, 20 ou mais páginas. Ao analisar, não é o convencional de boa parte das revistas impressas que temos disponíveis em bancas de jornal. Diante disso, passou-se a observar também o papel da revista no mercado editorial. Com um pouco mais de cinco anos de lançamento e de menos destaque que as demais, conquista leitores que possuem desde um refinamento intelectual a consumidores que desejam entender como um assunto é enxergado em sua totalidade.

A pandemia de Covid-19, por exemplo, começou em 2020 e seguiu-se em meados de 2021. Dúvidas surgiram a todo momento sobre o lugar e o que seria a doença perigosa até então desconhecida. Neste âmbito, o objetivo jornalístico passou à frente: explicar ao leitor além da notícia imediata. Como o próprio site oficial da revista informa, o fator tempo é dado aos jornalistas para que possam produzir as longas reportagens com tranquilidade e qualidade. Desta maneira, o ofício sem o *deadline* apertado chega a ser similar ao dos historiadores, como foi discutido no capítulo 2 deste trabalho. Neste processo pode-se observar também a relação de historiador e jornalista. Quando se têm as duas profissões no currículo, compreender a profissão do outro se torna mais fácil de transferir o contexto em palavras.

Em *Enigmas das pandemias* (anexo 1), o colunista Rafael Cariello além de jornalista é historiador (item 3.3). Na reportagem produzida trouxe ao contexto da atual epidemia do coronavírus a relação com o surto do passado: a gripe espanhola de 1918. A narrativa começou com as pesquisas de uma geógrafa em 1998, passou por guerras e terminou em desastres naturais. Sem utilizar muitas falas de

entrevistados, as fontes na maioria foram trechos de livros com a história e explicações sobre a doença.

Como já abordado antes (Capítulo 1), a reportagem faz parte do gênero interpretativo e a reportagem em profundidade é trabalhada nesta categoria. Prevaleceu na análise do discurso, a linguagem histórica em detrimento da abordagem jornalística em alguns trechos. Assim, as fontes documentais e históricas foram amplamente destacadas nas variadas leituras realizadas pelo autor. Entretanto, a clareza nas comparações dos acontecimentos e a contribuição da História para a construção da reportagem colaborou para a flexibilidade textual percebida. Desta forma, na leitura de cada bloco de parágrafo pode-se compreender as ligações dos acontecimentos passados com os do presente e de elementos que sugerem as relações dos fatos.

Por outro lado, o jornalista Paulo Lyra em *O brasileiro cordial* (anexo 2), revelou sobre uma personalidade desconhecida de muitos, inclusive, menciona a dificuldade em encontrar materiais sobre o médico que foi diretor-geral da OMS no século passado por 20 anos. Entidade esta, constantemente envolvida com as questões da Covid-19 no mundo, através de pesquisas, vacinas e promoção da saúde. Além de apresentar o destaque a organização, traçou aos longo dos acontecimentos os esforços da personalidade na década de 50 a 70 pela erradicação de doenças contagiosas, como malária e varíola. Mais uma vez, pôde-se comparar com questões atuais no qual instituições de saúde travam batalhas para acabar o mais breve com o problema da pandemia no Brasil e no mundo. Já em relação às características jornalísticas, não difere da reportagem de Cariello e segue no mesmo caminho do jornalismo interpretativo.

Sendo assim, considera-se que um dos questionamentos não foi respondido. As reportagens dos jornalistas supracitados não trabalham critérios jornalísticos evidentes e a utilização do estilo do *Novo Jornalismo* com técnicas literárias. A autonomia dos profissionais da revista *piauí* para produzirem os conteúdos os reservam ao direito de não apresentarem todas as práticas e técnicas jornalísticas recomendadas. Contudo, pode se constatar que se trata de uma reportagem jornalística, pois, outros critérios e processos como apuração, pesquisa, fontes e objetividade da informação estão presentes nas duas reportagens.

Na apropriação da História na análise destas matérias, a hipótese possível para a resolução da problematização é que algumas matérias sobre a pandemia da

Covid-19 na Revista *piauí* têm sido construídas com fundamentações históricas proporcionando a imersão do leitor para a compreensão da doença no país. Esta possibilidade pode ser observada pela credibilidade que a revista proporciona ao seu público. São longas reportagens, mas que estendem o conteúdo para além do que é demonstrado em notícias das outras mídias. Desta maneira, percebe-se como a História contribui para que o leitor possa refletir sobre uma questão de importância como a saúde pública, pois, uma pandemia impacta a sociedade em todos os aspectos, seja político, social, cultural ou econômico. Assim, o processo imersivo realizado pelos leitores atentos nestas reportagens, colabora para a continuidade na perspectiva da revista: atingir maior alcance de conhecimento e reconhecimento dos vários públicos, apesar da segmentação mais letrada.

Destaca-se ainda que faltou uma entrevista com um jornalista graduado também em História. Este conteúdo poderia enriquecer ainda mais esta pesquisa, entretanto, não foi possível por falta de respostas dos profissionais que foram contatados. Apesar disso, a pesquisa do presente trabalho alcançou os resultados esperados mesmo que uma pergunta do problema não tenha sido completamente respondida.

Portanto, a importância de reconhecer que mesmo com algumas discussões, o Jornalismo carece da contribuição de outras áreas do conhecimento, no caso da História, para levantar diferentes abordagens. Como se pôde acompanhar neste trabalho, uma pandemia não é um acontecimento novo e muda com o tempo. Assim, a história se repete e o passado será continuamente estudado para a compreensão do presente. Pois, a pandemia de hoje poderá ser objeto de análise de jornalistas e historiadores no futuro.

REFERÊNCIAS

ALI, Fatima. A arte de editar revistas. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2009.

BARROS, José D'Assunção. O campo histórico. Rio de Janeiro: Celta, 2002.

BARROS E SILVA, Fernando de (Org.). **Tempos instáveis: o mundo, o Brasil e o jornalismo em 21 reportagens da piauí**. São Paulo: Companhia das letras, 2016.

BERNSTEIN, Serge; MILZA, Pierre. Conclusão. In CHAVEAU, Agnès; TÉTART, Philippe (Org.). **Questões para a história do presente**. Bauru, SP: Edusc, 1999.

BOND, Frank Fraser. Introdução ao jornalismo. Rio de Janeiro: Agir, 1962.

BRUM, Eliane. A vida que ninguém vê. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2006.

CHAUVEAU, Agnès; TÉTART, Philippe (Org.). Questões para a história do presente. Bauru, SP: Edusc, 1999.

COSTA, Lailton Alves da; LUCHT, Janine Marques Passini. Gênero interpretativo. In MARQUES DE MELO, José; ASSIS, Francisco de (Org.). **Gêneros jornalísticos no Brasil**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2010.

CNPQ. **Currículo Lattes Rafael Cariello**. Disponível em: <<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do>>. Acesso em: 20 set. 2021.

E-DOU. **O que é Diário Oficial?** Disponível em: <<https://e-dou.com.br/o-que-e-diario-oficial-da-uniao/>>. Acesso em: 27 nov. 2021.

ERBOLATO, Mário L. **Técnicas de Codificação em jornalismo: redação, captação e edição no jornal diário**. São Paulo: Ática, 2003.

FECOMÉRCIO. **Pauta de reivindicações bibliotecários 2020/2021**. Disponível em: <http://www.fecomercio.com.br/public/upload/editor/negociacoes2020/pauta_de_reivindicacoes_bibliotecarios_2020_2021.pdf>. Acesso em: 02 de outubro de 2021.

FENAJ. **Pisos salariais atuais**. Disponível em: <<https://fenaj.org.br/sindicatos/convencoes-e-acordos-coletivos/pisos-salariais-atuais/#SP>>. Acesso em: 02 de outubro de 2021.

FIOCRUZ. **A fundação**. Disponível em: <<https://portal.fiocruz.br/fundacao>>. Acesso em: 25 nov. 2021.

_____. **Impactos sociais, econômicos, culturais e políticos da pandemia.** Disponível em: <<https://portal.fiocruz.br/impactos-sociais-economicos-culturais-e-politicos-da-pandemia>>. Acesso em: 14 nov. 2021.

_____. **O que é uma pandemia.** Disponível em: <<https://www.bio.fiocruz.br/index.php/br/noticias/1763-o-que-e-uma-pandemia>>. Acesso em: 14 out. 2021.

FLORÊNCIO *et al.* **Análise do discurso: fundamentos & práticas.** Maceió, AL: EDUFAL, 2009.

FOLHA DE SÃO PAULO. **João Moreira Salles cria fundo mantenedor e se afasta da piauí.** Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2021/10/joao-moreira-salles-cria-fundo-mantenedor-e-se-afasta-da-piaui.shtml>>. Acesso em: 06 out. 2021.

FONTANA, Felipe. Técnicas de pesquisa. In **Metodologia da pesquisa e do trabalho científico.** ZAMBELLO, Aline Vanessa et al; MAZUCATO, Tiago (Org.). Penápolis: FUNEPE, 2018.

GIL, Antonio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. 4ª edição. São Paulo: Atlas, 2002.

GRADIM, Anabela. Manual de Jornalismo. Série - Estudos em Comunicação. Covilhã, Portugal: Universidade da Beira Mar, 2000.

HOLANDA, Sérgio Buarque de Holanda. Raízes do Brasil. 26ª edição. São Paulo: Companhia das letras, 1995.

KOTSCHO, Ricardo. A prática da reportagem. 4ª edição. São Paulo: Ática, 2000.

LAGE, Nilson. **A reportagem: teoria e técnica de pesquisa e entrevista jornalística.** Rio de Janeiro: Record, 2001.

LE GOFF, Jacques. **A visão dos outros: medievalista diante do presente.** In CHAVEAU, Agnès; TÉTART, Philippe (Org.): **Questões para a história do presente.** Bauru, SP: Edusc, 1999.

MARQUES DE MELO, José. **Teoria do Jornalismo: identidades brasileiras.** São Paulo: Paulus, 2006.

OLINTO, ANTONIO. Jornalismo e Literatura. Edições de ouro. Rio de Janeiro: Biblioteca mentor cultural, 1968.

OMS. **Pandemia de doença por coronavírus (COVID-19)**. Disponível em: <https://www.who.int/emergencies/diseases/novel-coronavirus-2019?adgroupsurvey={adgroupsurvey}&gclid=Cj0KCQiAhMOMBhDhARIsAPVml-Gs-EBwdTMxEYrUCdU1AidKGbNNC9jT1vk-e-LoW51b6d1adHDQcKcaAljOEALw_wcB>. Acesso em: 25 nov. 2021.

_____. **Um ano sem precedentes: resposta Covid-19 da OMS**. Disponível em: <<https://www.who.int/news-room/spotlight/a-year-without-precedent-who-s-covid-19-response>>. Acesso em: 25 nov. 2021.

MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E INOVAÇÕES. **Impactos econômicos da pandemia no Brasil poderão ser observados até 2025**. Disponível em: <<https://www.gov.br/mcti/pt-br/acompanhe-o-mcti/noticias/2021/10/impactos-economicos-da-pandemia-no-brasil-poderao-ser-observados-ate-2045>>. Acesso em: 25 nov. 2021.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Nota técnica ivermectina Covid-19**. Disponível em: <<https://www.gov.br/saude/pt-br/coronavirus/publicacoes-tecnicas/notas-tecnicas/nota-tecnica-ivermectina-covid-19>>. Acesso em: 25 nov. 2021.

NEIVA, Eduardo. Dicionário Houaiss de comunicação e multimídia. São Paulo: Publifolha, 2013.

NOBLAT, Ricardo. A arte de fazer um jornal diário. 2ª edição. São Paulo: Contexto, 2008.

PEREIRA JUNIOR, Luiz Costa. **A apuração da notícia**: métodos de investigação na imprensa. São Paulo: Vozes, 2010.

PIAUI. **Enigmas das pandemias**. Disponível em: <<https://piaui.folha.uol.com.br/materia/enigmas-das-pandemias/>>. Acesso em 01 jul. 2021.

_____. **O brasileiro cordial**. Disponível em: <<https://piaui.folha.uol.com.br/materia/o-brasileiro-cordial/>>. Acesso em 31 mai. 2021.

_____. **Sobre nós**. Disponível em: <<https://piaui.folha.uol.com.br/sobre-nos/>>. Acesso em: 08 out. 2021.

PINTO, Ana Estela de Souza. **Jornalismo diário**: reflexões, recomendações, dicas e exercícios. São Paulo: Publifolha, 2009.

RÊGO, Ana Regina; AMPHILO, Maria Isabel. Gênero opinativo. In MARQUES DE MELO, José; ASSIS, Francisco de (Org.). **Gêneros jornalísticos no Brasil**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2010.

RIOUX, Jean Pierre. Entre história e jornalismo. In CHAVEAU, Agnès; TÉTART, Philippe (Org.): **Questões para a história do presente**. Bauru, SP: Edusc, 1999.

ROLLEMBERG, Marcello C. As origens e as peculiaridades da revista brasileira piauí. **Polhis**, Argentina, v. 7, n. 13, p. 53-68, jan./jun, 2014. Disponível em: <<http://www.historiapolitica.com/datos/boletin/PolHis13.pdf>>. Acesso em: 11 ago. 2021.

ROSSI, Clóvis. O que é jornalismo. São Paulo: Brasiliense, 2007.

SCALZO, Marília. Jornalismo de revista. 3ª edição. São Paulo: Contexto, 2006.

SIRINELLI, Jean François. Ideologia, tempo e história. In CHAVEAU, Agnès; TÉTART, Philippe (Org.): **Questões para a história do presente**. Bauru, SP: Edusc, 1999.

SQUARISI, Dad; SALVADOR, Arlete. **A arte de escrever bem: um guia para jornalistas e profissionais do texto**. 7ª edição. São Paulo: Contexto, 2012.

THOMPSON, Edward Palmer. **A formação da classe operária inglesa: a árvore da liberdade**, vol. 1. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo: porque as notícias são como são**, vol. 1. 2ª edição. Florianópolis: Insular, 2005.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo: A tribo jornalística - uma comunidade interpretativa transnacional**, vol. 2. Florianópolis: Insular, 2005.

TRESCA, Laura Conde. Gênero informativo. In MARQUES DE MELO, José; ASSIS, Francisco de (Org.). **Gêneros jornalísticos no Brasil**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2010.

VASCONCELLOS, Frederico. **Anatomia da reportagem: como investigar empresas, governos e tribunais**. São Paulo: Publifolha, 2008.

ANEXOS

Anexo 1

01/07/2021

Enigmas das pandemias

EDIÇÃO 164 | MAIO_2020

tempos da peste

ENIGMAS DAS PANDEMIAS

O que sabemos – e o que ainda é mistério – sobre a gripe espanhola, o comportamento social em catástrofes e o papel do acaso na história

RAFAEL CARIELLO



Em 1918, mulheres se protegem da pandemia com máscaras: “Espalharam-se então horrores. Às moças mortas, arrancavam as capelas e levantavam as mortalhas para ver as partes” CREDITO: MUSEU NACIONAL DA AUSTRÁLIA

Em agosto de 1998, um batalhão de técnicos e cientistas desembarcou no frio congelante do Arquipélago de Svalbard, na Noruega. Pelas três semanas seguintes, sob o escrutínio admirado e benevolente da imprensa, eles iriam remover cruzeiros e lápides, revirar o solo do pequeno cemitério local e perturbar a paz dos 2 mil habitantes da cidade portuária de Longyearbyen, distante cerca de 1 mil quilômetros do Polo Norte. Liderada pela geógrafa canadense Kirsty Duncan, a missão de especialistas europeus e norte-americanos tinha viajado aos confins do planeta em busca de respostas para perguntas formuladas pela primeira vez oito décadas antes, quando a gripe espanhola varreu o mundo.

Estima-se que a pandemia tenha dizimado entre 50 e 100 milhões de pessoas, de Nova York a Pequim, do Rio de Janeiro a Oslo. Em números absolutos, provavelmente nada matou tanto, em tão pouco tempo, na história humana. Concentrada no final de 1918, a pior onda da doença promoveu o espetáculo infernal de corpos empilhados nas ruas, de cadáveres que se acumulavam em velocidade maior do que os coveiros conseguiam enterrar. Nunca mais – nem antes – uma epidemia de gripe conheceria taxas de mortalidade tão altas. Na introdução do livro *The Spanish Influenza Pandemic of 1918-19* (A pandemia de influenza espanhola de 1918-19), volume com artigos de historiadores, médicos e virologistas publicado em 2003, os organizadores admitiam que a pergunta mais básica de todas ainda não havia sido respondida: “Por que ela foi tão letal?”

Outra característica incomum da gripe espanhola aparecia na idade das pessoas mortas. As ondas de gripe anteriores e posteriores matavam sobretudo velhos e crianças. No caso da espanhola, as taxas de mortalidade eram também muito altas entre jovens adultos, homens em particular, supostamente mais fortes e relativamente saudáveis. Décadas depois de seu surgimento, médicos e cientistas ainda não tinham explicações satisfatórias para esse fato, constatado em todo o planeta. “O padrão etário e de gênero das mortes ainda é de certa forma um mistério”, registraram os historiadores Howard Phillips e David Killingray, nessa obra recente sobre a pandemia de 1918.

Naquele ano fatídico, quando já se podia vislumbrar a paz na Europa, uma nova leva de jovens noruegueses fazia, como de costume, a rota de navio do litoral Norte do país até o Arquipélago de Svalbard. Muitos viajavam às ilhas para trabalhar nas minas de carvão locais. Durante uma dessas travessias, em setembro, diversos passageiros adoeceram. Sete deles morreram dias depois de a embarcação aportar em Longyearbyen. Foram enterrados no cemitério local, quase permanentemente coberto de gelo e neve.

Oito décadas mais tarde, o grupo liderado por Kirsty Duncan iria buscar em seus corpos vestígios da doença que os havia vitimado. No primeiro dia de trabalho, as cruzes e lápides que demarcavam os jazigos foram retiradas. Uma tenda de proteção foi inflada sobre o terreno, e uma equipe de especialistas ligou os motores de uma máquina projetada para fatiar o terreno congelado, primeira etapa no trabalho de escavação.

O que os cientistas estavam prestes a fazer ali era tão inusitado que a comparação mais adequada para aquela empreitada era da ordem da ficção. No livro *Jurassic Park*, de Michael Crichton – transformado em sucesso de bilheteria por Steven Spielberg –, uma empresa de engenharia genética consegue recuperar toda a informação do DNA de dinossauros, armazenada em minúsculas quantidades de sangue no corpo de insetos pré-históricos, que, por sua vez, estavam preservados em resina vegetal.

Na Noruega, em vez de insetos, os cientistas procuravam corpos humanos, que haviam sido conservados dos processos de putrefação não pelo âmbar, como na ficção, mas pelas baixíssimas temperaturas do Ártico. Dentro desses corpos, em vez do DNA de dinossauros, os pesquisadores esperavam encontrar material genético do vírus da gripe espanhola. Seu objetivo não era trazê-lo de volta à existência como no filme de Spielberg, embora isso viesse a ser feito anos mais tarde, mas desvendar as características genéticas do microrganismo – e quem sabe, assim, elucidar os enigmas da grande pandemia de 1918.

A ideia que motiva a trama de *Jurassic Park* se baseia numa técnica inventada no início dos anos 1980, pouco antes da publicação do livro, e que se tornaria cada vez mais comum e útil em pesquisas biológicas: um procedimento capaz de replicar material genético, transformando ínfimas

amostras de DNA ou RNA, como as que na ficção haviam sido conservadas no sistema digestivo do mosquito, em volume suficiente para ser adequadamente analisado em laboratório, em experiências sucessivas. Até o advento dessa técnica, identificar as sequências de bases que codificam as características de seres vivos (ou semivivos, no caso dos vírus), quando preservadas em pequenas quantidades, era uma tarefa quase impossível.

“A gente ainda está longe de um *Jurassic Park*”, explicou o epidemiologista Francisco Inácio Bastos, pesquisador da Fundação Oswaldo Cruz. “Mas para seres muito simples, como vírus e bactérias, já temos uma paleogenômica”, o estudo de DNAs e RNAs do passado, “que consegue reconstituir praticamente todo o material genético.”

Quando a gripe espanhola varreu o mundo, os vírus, tal como os conhecemos, ainda eram sobretudo uma construção teórica. Os primeiros seres desse tipo relacionados às epidemias de gripe só viriam a ser observados em microscópio na década de 1930. No livro *America's Forgotten Pandemic* (A pandemia americana esquecida), escrito nos anos 1970, o historiador Alfred Crosby afirmava que o “sonho dos cientistas pesquisando a influenza” era poder, de alguma forma, obter espécimes do vírus causador da doença. “Mas apenas algo tão improvável quanto uma cápsula do tempo seria capaz de fornecê-los”, imaginava o autor. Em pouco mais de uma década, com o desenvolvimento das técnicas de replicação de material genético, essa “cápsula do tempo” havia se tornado uma possibilidade. Kirsty Duncan e alguns dos mais importantes virologistas do planeta tinham desembarcado na Noruega com a esperança de encontrá-la.

No sexto dia de trabalho no cemitério de Longyearbyen, afinal chegou-se ao primeiro caixão de um dos sete mineiros mortos. Outros dois surgiram, logo em seguida. “Os três esquifes se encontravam a cerca de meio metro da superfície”, registrou Duncan em seu livro *Hunting the 1918 Flu* (Em busca da gripe de 1918). A notícia não era boa. A parte superior do gelo, mesmo naquela latitude tão próxima do Polo Norte, derretia parcialmente a cada verão. Quanto mais fundo os corpos estivessem enterrados, maiores as chances de serem encontrados em boas condições de conservação. Meio metro era muito pouco.

As primeiras notícias da gripe espanhola chegaram ao Brasil na segunda metade de setembro de 1918. O país enviara tardiamente à Europa “grupos auxiliares” ao esforço de guerra dos Aliados. Segundo o médico e escritor mineiro Pedro Nava, que então, adolescente, estudava no Rio de Janeiro, os navios militares brasileiros foram “atingidos pela pestilência” depois de fazerem escala na África, no fim de agosto. Em 22 de setembro, telegramas contavam das desgraças a bordo, já com dezenas de militares mortos, outros tantos doentes. Mas a essa altura certamente “o demônio já estava em nosso meio”, concluía Nava, trazido por embarcações vindas da Europa. Seja como for, o problema ainda não havia sido “percebido pelo povo como a desgraça coletiva que viria ser”.

O impulso inicial foi o de culpar os inimigos alemães pela criação da moléstia, espalhada no “mundo inteiro por intermédio de seus submarinos”, conforme registrava *A Careta* num artigo de humor, mas que refletia as reações da sociedade à nova doença. Algo semelhante se passou nos Estados Unidos, de acordo com a jornalista Gina Kolata, autora de *Gripe: A História da Pandemia de 1918*: “Quando a peste veio, naqueles frios dias de outono, houve quem dissesse que era uma terrível nova arma de guerra”, desenvolvida e disseminada pela Alemanha. “Diziam que sua mãe era a trincheira e seu pai, aquele filho da puta do kaiser”, escreveu Nava. Foi batizada de “espanhola”, no entanto, em virtude da neutralidade de Madri no conflito mundial. A imprensa na Espanha, livre da censura militar, foi a primeira a dar notícia da epidemia.

“A espanhola instalou-se entre nós em setembro, cresceu no fim desse mês e nos primeiros do seguinte”, registrou o escritor mineiro num de seus volumes de memórias, *Chão de Ferro*. “Tornou-se calamidade de proporções desconhecidas nos nossos anais epidemiológicos nos dias terríveis da segunda quinzena de outubro, e sua morbidade e mortalidade só baixaram na ainda trágica primeira semana de novembro.”

As aulas no colégio de Nava foram suspensas. O ritmo de vida na capital federal reduziu-se drasticamente: “Tráfego rareado, cidade vazia e meio morta, casas de diversão pouco cheias, conduções sempre fáceis, as regatas, as partidas de *water-polo* e futebol quase sem assistentes [...] O espantoso já não era a quantidade de doentes, mas o fato de estarem quase todos doentes e impossibilitados de ajudar, tratar, transportar comida, vender gêneros, aviar receitas, exercer, em suma, os misteres indispensáveis à vida coletiva.”

E, logo, uma multidão de mortos. No auge da propagação, em outubro, quase mil pessoas morreram num único dia no Rio de Janeiro, uma cidade então com menos de 1 milhão de habitantes. O dramaturgo Nelson Rodrigues registrou a calamidade em suas memórias. “O sujeito morria nos lugares mais impróprios, insuspeitados: na varanda, na janela, na calçada, na esquina, no botequim [...] Muitos caíam, rente ao meio-fio, com a cara enfiada no ralo. E ficavam lá, estendidos, não como mortos, mas como bêbados. Ninguém os chorava, ninguém. Nem um vira-latas vinha lambê-los. Era como se o cadáver não tivesse nem mãe, nem pai, nem amigo, nem vizinho, nem ao menos inimigo.”

O cronista é conhecido pelo exagero retórico, mas sobreviventes da epidemia, entrevistados pela pesquisadora Adriana Goulart, ofereceram relato parecido. Um deles disse à historiadora que “as mortes eram tantas que não se dava conta do sepultamento dos corpos”. E acrescentou: “Na minha rua, da janela, se via um oceano de cadáveres. As pessoas escoravam os pés dos defuntos nas janelas das casas, para que a assistência pública viesse recolher. Mas o serviço era lento, e aí tinha hora que o ar começava a empestear; os corpos começavam a inchar e apodrecer. Muitos começaram a jogar os cadáveres em via pública. Quando a assistência pública vinha recolhê-los, havia trocas dos podres por mais frescos, era um cenário mefistofélico.”

No mundo todo, a gripe espanhola conheceu três grandes ondas, a primeira no início de 1918, a derradeira em 1919. A mais forte, que provocou um número incomparável de mortes, foi a segunda vaga, entre setembro e novembro de 1918. Tão rápido quanto havia surgido, contudo, a peste se foi. O virologista Maurício Nogueira, chefe do departamento de doenças infecciosas da Faculdade de Medicina de São

José do Rio Preto, explica que o declínio no contágio e na mortalidade da gripe espanhola se deveu à criação de uma “imunidade de manada”.

“Tanta gente se infectou que ela já não conseguia se transmitir. Já tinha uma população imunizada, que criou anticorpos e ficou protegida.” Nogueira compara uma epidemia a uma reação nuclear. “Você precisa de uma massa crítica, de um número grande de pessoas suscetíveis, sem anticorpos, que permita uma rápida transmissão da doença. Com o tempo, o número de suscetíveis vai diminuindo. Tem uma hora que não tem mais urânio para sustentar a reação em cadeia. Você vai continuar a ter a circulação do vírus, mas não vai ter epidemia.”

“De repente, passou a gripe”, escreveu Nelson Rodrigues ao lembrar o episódio, em 1967. “Ninguém pensava nos mortos atirados nas valas, um por cima dos outros. Lá estavam, humilhados e ofendidos, numa promiscuidade abjeta. A peste deixara nos sobreviventes não o medo, não o espanto, não o ressentimento, mas o puro tédio da morte.”

Em meados dos anos 1990, o virologista Jeffery Taubenberger trabalhava no Instituto de Patologia das Forças Armadas dos Estados Unidos. O posto não era dos mais prestigiosos no mundo da ciência norte-americana, mas lhe dava acesso a um tipo único de banco de dados. Ainda no século XIX, o presidente Abraham Lincoln havia determinado que médicos separassem exemplares dos tecidos de soldados que tivessem examinado (a fim de constatar a *causa mortis*), preservassem e catalogassem o material em pequenas amostras, enviando-as em seguida para um único local, o Instituto de Patologia.

Quase um século e meio mais tarde, o virologista e seus colegas dispunham de um incomparável museu de células do passado, acompanhadas dos dados do falecido, sua data de óbito e possíveis causas da morte. Como se isso não bastasse, o valor científico do arquivo tinha dado um salto recentemente, com o desenvolvimento das técnicas de replicação de material genético – algo que ficou claro para Taubenberger depois de ler um artigo, no início de 1995, na revista *Science*.

No texto, pesquisadores se valiam do fato de que os olhos do cientista inglês John Dalton haviam sido preservados em instituições britânicas desde o século XIX. Dalton tinha notado, já adulto, que não conseguia distinguir as cores como o restante das pessoas, e a doença que o afetava acabou sendo batizada com o seu nome: daltonismo. Agora, no fim do século XX, sabia-se que uma mutação genética podia ser a causa dessa incapacidade. Mas ninguém tinha ainda tomado a iniciativa de encontrar a prova definitiva do daltonismo de Dalton. Os autores do artigo na *Science* fizeram isso: usaram as novas técnicas de replicação de DNA para analisar o material colhido no globo ocular do cientista, descobrindo que o pai da doença era, de fato, portador de uma mutação genética.

Ao ler o artigo, Taubenberger se deu conta de que dispunha de uma técnica inovadora – a capacidade de replicar e analisar ínfimas quantidades de material genético – e de um impressionante material de pesquisa, milhares de “olhos de Dalton”: as amostras do Instituto de Patologia. Não seria difícil fazer algo parecido com a pesquisa publicada na *Science*. Ele tinha os meios, mas ainda lhe faltava um problema, uma questão suficientemente interessante para ser respondida. Seu primeiro impulso, segundo narra Gina Kolata, foi tentar analisar a *causa mortis* de alguém famoso. Trocando ideias com seus pares, Taubenberger afinal se deu conta de que havia uma senda mais promissora: a gripe espanhola. Talvez fosse possível encontrar o vírus perdido e reconstruir o seu código genético, esclarecendo afinal por que aquela epidemia havia sido tão virulenta e mortífera.

O pesquisador pediu aos responsáveis pelo arquivo de tecidos do Instituto de Patologia que selecionassem material de pessoas mortas pela gripe em 1918. Dos setenta casos inicialmente levantados, cerca de uma dúzia se encaixava no perfil que o virologista buscava: mortes rápidas, ocorridas poucos dias depois do diagnóstico.

As amostras de tecido do pulmão das vítimas, preservadas em parafina, começaram a ser analisadas. Fragmentos de material genético foram separados. Os pesquisadores sabiam o que procurar porque outros influenzavírus já haviam sido sequenciados. Afinal encontraram material que parecia promissor, presente no que restou dos pulmões do soldado Roscoe Vaughan, morto aos 21 anos numa base militar norte-americana,

em setembro de 1918. O vírus estava lá, mas, após meses de pesquisa, os cientistas dispunham apenas de parte de sua sequência de bases. Para avançar, precisariam de outros exemplares, vindos de outros corpos. “Uma das críticas ao trabalho de Taubenberger, com a qual ele concordava, era a de que ele tinha apenas uma amostra”, escreveu Gina Kolata. “Talvez o que ele pensava ser o vírus da gripe de 1918 fosse um vírus inocente e inócuo”, também presente no corpo do soldado, mas não o responsável por sua morte.

Foi por essa época que o virologista soube do projeto de Kirsty Duncan de desencavar corpos no Círculo Polar Ártico, amplamente divulgado pela imprensa mais de um ano antes da viagem. Enquanto a geógrafa canadense dava publicidade a cada etapa preparatória de sua expedição, Taubenberger e seus colaboradores trabalhavam longe dos holofotes. Uma corrida silenciosa pela decifração dos segredos do vírus de 1918 estava em marcha. Meses antes de Duncan colocar os pés em Svalbard, o grupo do Instituto de Patologia anunciou publicamente a reconstituição parcial do material genético encontrado no corpo do jovem militar. A canadense, que ainda tinha a esperança de poder supervisionar a decifração completa do mistério da gripe espanhola, insistiu no projeto e decidiu convidar Taubenberger para fazer parte de sua equipe. Ele aceitou, mas acabaria descobrindo um atalho para o Polo Norte.

Um patologista sueco radicado nos Estados Unidos, Johan Hultin, também mobilizado pelos mistérios médicos e científicos da gripe espanhola, havia tentado obter amostras do vírus muitos anos antes, na década de 1950. Hultin soubera de um vilarejo no Alasca que havia sido praticamente exterminado pela pandemia no final da Primeira Guerra Mundial – dos 80 moradores locais, 72 morreram da doença. Viajara à pequena cidade de Brevig Mission, e conseguira autorização para trabalhar no cemitério local. Mas não tinha obtido sucesso. Não fora possível encontrar o vírus. Agora, ao tomar conhecimento das descobertas de Taubenberger, e sabendo que as novas técnicas de microbiologia talvez propiciassem um resultado diferente, ligou para o virologista do Exército norte-americano, propondo fazer nova expedição. Hultin iria sozinho.

No Alasca, sem nada parecido com a parafernália de equipamentos que Duncan estava reunindo para a sua tentativa, o patologista contou apenas com a ajuda de moradores locais para mais uma vez cavar e tentar achar corpos conservados pelo gelo permanente do Norte. Encontrou afinal o cadáver de uma mulher obesa, bastante bem preservado, recolhendo amostras de tecido *in loco*.

Os pedaços de pulmão de Lucy – nome que Hultin lhe deu – se juntaram aos do soldado Vaughan e, depois, a mais material genético descoberto em novas incursões nos arquivos do Instituto de Patologia. A equipe de Taubenberger voltou ao trabalho. Na Noruega, a expedição de Duncan não foi bem-sucedida. Um caixão após o outro, contendo os cadáveres dos mineiros mortos em 1918, foi sendo descoberto, mas todos localizados muito próximos à superfície e, portanto, sujeitos a um período de degelo anual. Depois que a sétima e derradeira urna veio à tona, o virologista inglês John Oxford, um dos mais renomados integrantes do grupo, tomou a iniciativa de anunciar à imprensa que o projeto havia fracassado. Seria praticamente impossível encontrar o vírus naqueles corpos, provavelmente em péssimas condições de conservação. Alguns anos depois, em depoimento para Kolata, o pesquisador admitiria ter ficado “terrivelmente frustrado” com os resultados da expedição. “Tinha a esperança de que pudéssemos encontrar sete jovens mineiros perfeitamente preservados”, disse Oxford. “O que nós achamos, mais ou menos, foram sete esqueletos, com algum tecido biológico.”

Taubenberger teve mais sorte. Os exemplares de vírus encontrados no Instituto de Patologia coincidiam com o material recolhido por Hultin no Alasca, comprovando que se tratava mesmo do patógeno da gripe espanhola. Alguns anos depois, já no século XXI, o virologista e seus colegas conseguiram reconstituir a informação genética completa do vírus de 1918. Em seguida, outros pesquisadores usariam a descrição detalhada da sequência de bases para recriar versões do vírus em laboratório, a fim de testar seus efeitos em animais e tentar, assim, obter explicações para a letalidade da gripe espanhola.

Eles haviam vencido a corrida. Os resultados, no entanto, foram no fim das contas bem menos espetaculares do que a saga da busca pelo vírus.

Houve avanços, é verdade. O virologista Maurício Nogueira se lembra de acompanhar as notícias sobre o trabalho de Taubenberger e as tentativas de encontrar pistas do vírus de 1918 no Ártico, entre o final dos anos 1990 e o início dos anos 2000 – justo na época em que ele fazia o seu doutorado em microbiologia na Universidade Federal de Minas Gerais e, logo em seguida, pesquisas no Instituto Nacional de Alergia e Doenças Infecciosas, nos Estados Unidos.

“Eu me lembro de duas discussões”, contou Nogueira. “A primeira, sobre a possibilidade de o vírus descongelar e escapar. Algo que gerou muito medo. E houve também o debate sobre a recriação do vírus, se valeria a pena ou não. O que acabou acontecendo, no início dos anos 2000.”

Fazia sentido o medo de o vírus descongelar, escapar, enquanto os cientistas reviravam cemitérios e corpos congelados? “É difícil dizer. A possibilidade de você achar alguma coisa congelada viável é muito baixa. Mas havia o caso da ‘gripe russa’. Em 1977, houve uma ameaça de pandemia, que ganhou esse nome. Um vírus H1N1 que emergiu, mas só infectou gente com menos de 20 anos. Depois, quando foram analisá-lo, percebeu-se que esse vírus era igual ao de 1957. Você sabe o único lugar em que um vírus fica vinte anos sem sofrer mutação? Num freezer. De um laboratório. A gripe russa de 1977 com certeza foi o escape de algum vírus. Alguém fez uma bobagem. E infectou muita gente com menos de 20 anos. Todo mundo que tinha mais de 20 anos já tinha sido exposto àquele mesmo vírus.”

Nada disso aconteceu com o vírus de 1918, de toda forma. Suas características genéticas foram recuperadas. De posse da informação precisa das bases que compunham o seu RNA, o próprio vírus acabou sendo recriado em laboratório, sem acidentes. O que foi possível aprender desde então?

Há uma primeira característica específica da gripe espanhola, que já se conhecia, e que ajuda a explicar parcialmente as altas taxas de mortalidade associadas à pandemia. “Um número incomum de pessoas acabou desenvolvendo uma forma severa da gripe, levando a uma

pneumonia viral que em muitos casos progredia para uma pneumonia provocada por bactérias”, explicou Taubenberger em 2018, por ocasião do centenário da doença. Ou seja, muita gente morria por causa da infecção por bactérias, não diretamente provocada, mas de alguma forma facilitada pelo vírus. Como os antibióticos ainda não haviam sido inventados, os médicos “não tinham como tratar a infecção bacteriana”, comentou o virologista. Mesmo um vírus com características idênticas ao da gripe espanhola provocaria um número menor de mortes atualmente, portanto.

Mas como o genoma do vírus ajuda a entender esse padrão específico da doença em 1918? “Infelizmente, quando você olha para o genoma do vírus, e o compara com outros influenzavírus, nada que seja óbvio se apresenta para explicar por que a doença se comportava dessa forma”, admitiu Taubenberger.

Havia, contudo, uma outra característica da gripe espanhola – um tipo de resposta que ela provocava no corpo do doente e que pôde ser observado em laboratório, quando os cientistas infectaram animais com a versão reconstruída do vírus. “Uma coisa que sabemos que o vírus de 1918 fazia – é algo que ele faz em experiências com animais e há dados para saber que era isso que acontecia também com seres humanos – é que ele provocava uma resposta inflamatória muito forte e bastante incomum”, disse Taubenberger. “Assim, a resposta imunológica do corpo ao vírus contribuía para os danos aos pulmões, para a patologia da doença, para os efeitos sérios da doença e a morte.”

Segundo Maurício Nogueira, esse fato talvez ajude a explicar por que aquela pandemia matou uma quantidade incomum de pessoas entre 18 e 40 anos. “O vírus causava uma infecção grave. E o organismo reagia de forma muito agressiva. A própria reação do organismo acabava matando a pessoa. E isso ocorria sobretudo em adultos jovens. Crianças e idosos não conseguem montar essa resposta tão agressiva.”

Taubenberger afirma que seus estudos agora se concentram em tentar encontrar as características do código genético daquele vírus que talvez provocassem essa reação imunológica tão forte. Ainda não há, de toda forma, respostas definitivas para os dois grandes mistérios da gripe de

1918: por que matou tanto e por que sobretudo jovens adultos. “Não temos respostas absolutas, mas temos uma boa ideia do que aconteceu”, disse Nogueira. “Respostas absolutas e definitivas são algo um pouco acima do que se espera para ciências não exatas. Essas são as melhores respostas, por enquanto.”

As 17h36 do dia 27 de março de 1964, o Alasca foi atingido pelo segundo maior terremoto já registrado no mundo, e o maior de todos os tempos na América do Norte. Os tremores duraram pouco mais de quatro minutos. Em Anchorage, maior cidade do estado, casas e prédios desabaram, e fendas enormes destruíram as ruas. Na costa, tsunamis se seguiram ao tremor. Estima-se que entre 130 e 140 pessoas tenham morrido. “A maior cidade do Alasca parece hoje sacudida e rasgada pelas garras de um monstro”, dizia o despacho da *Associated Press* sobre a tragédia.

Quando tudo começou, a jornalista Genie Chance estava com seu filho no carro, a caminho do Centro de Anchorage. A terra começou a tremer, e a rua, a balançar sob as rodas do veículo. Sua reação inicial foi a de achar que não havia nada de muito grave acontecendo. O escritor Jon Mooallem narra a história no livro *This Is Chance!*^[1] Ao mencionar a reação da jornalista, Mooallem comenta que todos temos a tendência a acreditar, mesmo submetidos aos piores desastres, “que a vida continua a funcionar de maneira basicamente normal”.

Episódios de pandemia, como a gripe de 1918 ou a Covid-19, são em alguma medida comparáveis a terremotos, furacões ou acidentes nucleares, afirma a epidemiologista Jennifer Horney, do Centro de Pesquisa de Desastres, na Universidade de Delaware. “Eis como a Cruz Vermelha define desastre”, ela escreveu, numa mensagem de e-mail. “Um episódio súbito, calamitoso, que afeta e prejudica o funcionamento de uma comunidade ou sociedade, e que provoca perdas humanas, materiais, econômicas ou ambientais acima das capacidades de resposta daquela comunidade ou sociedade, lançando mão de seus próprios recursos.” E concluiu: “É certamente correto tratar uma pandemia como um tipo de desastre.”

Quando chegou a notícia do terremoto de 1964, um grupo de sociólogos, fundadores do centro para o qual Horney hoje trabalha, decidiu viajar ao Alasca a fim de tentar entender como aquela comunidade e seus cidadãos tinham reagido ao abalo. Ao desembarcarem em Anchorage, esperavam tudo, menos normalidade. O senso comum lhes dizia que era plausível apostar em desordem social, saques e desespero, num momento em que as pessoas haviam perdido o chão.

Expectativas da mesma natureza encontram expressão agora – como, de resto, havia acontecido em 1918. Pedro Nava relata que “verdadeiros ou falsos os boatos, era como se fossem realidade pelo impacto emocional que causavam”. Isoladas em casa, as famílias recebiam notícias assustadoras de desordem na cidade, rumores – falsos, com frequência – fundados em medos antigos de uma parte da sociedade. “Descrevia-se a fome. Os ataques às padarias, armazéns e bodegas por aglomerados de esfaimados e convalescentes esqueléticos, roubando e tossindo.” Como faltavam coveiros, “foram contratados amadores a preços vantajosos”. Também detentos estariam sendo usados para cavar as valas nos cemitérios, diziam.

“Espalharam-se então horrores”, escreve Nava. “Descreviam-se os criminosos cortando dedos aos cadáveres, rasgando-lhes as orelhas para roubar os brincos, os anéis, as medalhas e os cordões que tinham sido esquecidos. Às moças mortas, arrancavam as capelas e levantavam as mortalhas para ver as partes. Que curravam as mais frescas antes de enterrá-las. Melhores as que estavam ficando moles: eram tiradas dos caixões e comidas de beira de cova.”

Nada disso foi testemunhado pela equipe de sociólogos em Anchorage. Mesmo com fissuras nas hierarquias políticas locais e nos sistemas de resposta tradicionais a desastres, grupos de pessoas se organizaram espontaneamente, atribuindo-se as mais diferentes tarefas: resgatar pessoas presas sob os escombros e nas ferragens dos carros, preparar e distribuir comida, contar os mortos, fazer o inventário dos sobreviventes. O fenômeno de auto-organização, de episódios de altruísmo, da vontade de ajudar era, como se descobriu depois, comum a diversos casos de abalo da ordem tradicional, acidentes e desastres.

Os próprios moradores procuravam explicar sua reação ao terremoto nos termos da composição social daquela “cidade de fronteira”, de pouca desigualdade, composta por uma ampla classe média, o que facilitaria a empatia, a identificação com os demais cidadãos, a sensação de que o próximo merecia ajuda. Mas os especialistas do Centro de Pesquisa de Desastres encontrariam o mesmo tipo de reação em sociedades bastante diferentes, e mesmo nas mais desiguais. Foi o que aconteceu, por exemplo, no terremoto do México, em 1985.

“A prática de saques”, os sociólogos descobriram, “era um fenômeno extremamente raro após desastres, ainda que a paranoia de que saques pudessem ocorrer fosse sempre irracionalmente alta.” Os especialistas se referiam a esses temores como “pânico de elite”.

A ensaísta norte-americana Rebecca Solnit escreveu um livro dedicado a esses episódios de banalidade do bem, de aumento da consciência cívica e do sentimento de pertencimento social que se seguem aos piores desastres. Na introdução de *A Paradise Built in Hell* (Um paraíso construído no inferno), ela escreve: “No rastro de um terremoto, de uma bomba que explode ou uma grande tempestade, a maioria das pessoas é altruísta, empenhada com um sentimento de urgência no cuidado delas mesmas e dos que estão à sua volta, sejam eles desconhecidos, vizinhos, amigos ou pessoas queridas. A imagem de um ser humano egoísta, em pânico ou regressivamente selvagem em momentos de desastre é pouco verdadeira. Décadas de meticulosa pesquisa sociológica sobre o comportamento humano em desastres [...] demonstram isso.”

Não significa que tudo sempre corra bem. As manifestações de xenofobia, por exemplo, cresceram logo que o novo coronavírus se espalhou pelo planeta, como também havia acontecido em 1918. Há os dementes que dançam com caixões ou buzinam diante de hospitais. E líderes com sérios problemas cognitivos, morais e emocionais.

Uma fonte de problemas frequente, segundo Solnit, aparece no “pânico de elite” e na reação das autoridades que temem o comportamento dos mais pobres – “roubando e tossindo”, na imagem de Pedro Nava. Depois da devastação provocada pelo furacão Katrina em Nova Orleans, em 2005, diz a ensaísta, “centenas de pessoas morreram [...] porque outras,

incluindo a polícia, civis armados, altos funcionários do governo e a mídia, decidiram que a população de Nova Orleans era muito perigosa para que lhes fosse permitido deixar uma cidade alagada e contaminada, ou para que fossem resgatados, mesmo de hospitais”.

A exemplo do relato de Mooallem sobre o trabalho dos sociólogos no Alasca, o cientista político Gilberto Hochman, pesquisador da Fundação Oswaldo Cruz, não encontrou registros de revolta social ou de saques no período mais agudo da gripe espanhola no Brasil. A pesquisadora Christiane de Souza, que estudou a epidemia na Bahia, tampouco se lembra de notícias de roubos de alimentos ou desordem. “Não me lembro de ter lido nada desse tipo no Rio de Janeiro, no Rio Grande do Sul, na Bahia. Eu não me recordo de ter visto esse problema em lugar nenhum do Brasil.”

Numa entrevista recente para a revista *Wired* sobre seu livro *This is Chance!*, Mooallem observou que, no caso da pandemia atual, a boa resposta social é mais difusa, “mais simples” e, ao mesmo tempo, “mais difícil de reconhecer”: “Nós podemos ajudar ficando em casa.” Embora a pandemia do coronavírus seja comparável a catástrofes abruptas na sua origem, ela é distinta de todas elas – inclusive da gripe de 1918 – porque acontece, de certa forma, em câmera lenta. A reconstrução – iniciativas de proteção social e econômica – precisa começar antes que o pior tenha passado. E a passagem do tempo, afirma a epidemiologista Jennifer Horney, do Centro de Pesquisas de Desastres, pode ser um fator a complicar o grau de comprometimento cívico das pessoas.

Quando se contabilizam os mortos, em números absolutos, a gripe espanhola foi provavelmente a pior doença contagiosa da história. Mas outros surtos epidêmicos tiveram efeitos econômicos e sociais mais importantes e mais duradouros. Um dos episódios fundamentais da formação do mundo moderno – a conquista da América pelos europeus – não pode ser compreendido sem que se considere o impacto dos germes trazidos pelos brancos para o Novo Mundo.

“Na base da conquista está uma fratura demográfica”, afirma Manolo Florentino, professor aposentado de história da América na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Entre 1500 e 1620, houve uma redução de mais de 80% na população dos povos ameríndios, ele lembrou. “A conquista foi muito rápida. Em 1550, os espanhóis já haviam chegado ao Sul do Chile. O que sabemos é que seria impossível – em função da desproporção numérica – explicá-la em termos de superioridade militar. Você teria 50 milhões de indígenas contra 200 mil emigrados europeus no século XVI. Não dá.”

Foram os vírus e bactérias trazidos por marinheiros, militares e colonos – microrganismos pouco virulentos para os exploradores, mas letais nos corpos dos indígenas, desprovidos de defesas – que permitiram o domínio do Novo Mundo pelos europeus, do Alasca à Patagônia. “É verdade que a mineração”, na qual eram empregados os povos americanos, “matava muito”, observou o historiador. “Mas os sistemas de mineração dos espanhóis só foram montados a partir de 1570. E 50% da queda demográfica já havia acontecido antes disso. É uma prova muito concreta de que o efeito microbiano é espetacular, no mau sentido da palavra.”

Um dos primeiros historiadores a chamar atenção para o papel central das doenças infecciosas na conquista da América foi Alfred Crosby, o mesmo que já havia escrito sobre a gripe espanhola, resgatando-a de baixo dos tapetes da história, para onde tinha sido varrida. No seu livro *Imperialismo Ecológico*, dos anos 1980, Crosby inovou ao reunir pesquisas em biologia e ciências sociais para explicar o avanço europeu no mundo.

Precursores na criação de sociedades densas e hierarquizadas baseadas na agricultura – em oposição aos caçadores e coletores, mais igualitários, que viviam em grupos menores e sabiamente se serviam da abundância de recursos nas matas –, habitantes do Velho Mundo, na Europa e na Ásia, foram pioneiros também na convivência com uma grande variedade de microrganismos. Nas aglomerações em que viviam, “nessas concentrações de plantas e animais, produziam-se também grandes contingentes de predadores, alguns visíveis, como lagartas e mosquitos, e muitos micropredadores: fungos, bactérias e vírus”.

Segundo Crosby, os povos caçadores e coletores – como os indígenas das terras baixas norte-americanas – dispunham de poucos animais domesticados, ou simplesmente viviam sem esse tipo de companhia e propriedade. Em contrapartida, os povos europeus possuíam “rebanhos inteiros de gado, carneiros, cabras, porcos, cavalos e assim por diante”. E tinham por hábito viver “com suas criaturas, compartilhando com elas a mesma água, o mesmo ar e o mesmo ambiente, e, assim, muitas das mesmas doenças. O efeito sinérgico da convivência íntima dessas diferentes espécies – humanos, quadrúpedes, aves e respectivos parasitas – foi a produção de novas doenças e de variações das antigas.”

Um convívio interespecies de fazer inveja a qualquer mercado de Wuhan, que acabou resultando vantajoso para os europeus e seus anticorpos depois que os portugueses e espanhóis embarcaram nas caravelas. “Pouquíssimas experiências são tão perigosas para a sobrevivência de um povo como a passagem do isolamento para a integração na comunidade internacional”, alertou o historiador norte-americano, antes de especificar a origem exata do perigo, “no caso uma comunidade que incluía marinheiros, soldados e colonos europeus”.

Seu colega sul-africano Howard Phillips, historiador da pandemia de 1918, afirma que o contato entre grupos distintos e a intensificação da interação humana são fatores comuns na história das grandes epidemias. “Isso é verdadeiro para toda doença infecciosa. O contato gera a possibilidade, o risco de infecções.” É assim agora, com o coronavírus e o intenso tráfego aéreo internacional. Foi assim na gripe espanhola, quando soldados do mundo todo se reuniram no teatro de batalhas da Europa. Também foi assim na Idade Média, na catástrofe demográfica do século xiv, provocada em grande medida pela peste negra – que chegou à Europa em ratos que atravessaram o Mediterrâneo nos navios que faziam o comércio com o Oriente.

“Existe hoje um consenso de que ao menos um terço dos europeus pereceu na primeira onda da peste, entre 1347 e 1353”, escreveu o historiador Bruce Campbell no livro *The Great Transition: Climate, Disease and Society in the Late-Medieval World* (A grande transição: Clima, doença e sociedade no mundo da Baixa Idade Média), lançado em 2016. Apesar do seu impacto, a peste negra costuma ocupar um papel

acessório nas explicações sobre a crise econômica e demográfica do século XIV. No modelo tradicionalmente aceito, o que importa são sobretudo as interações entre variações populacionais, de um lado, e a capacidade de prover alimentos para um conjunto cada vez maior de pessoas, de outro. A ampliação da produção agrícola não teria sido capaz de acompanhar, no mesmo ritmo, um longo período de aumento da população na Idade Média, que culmina no século XIV. Com cada vez mais gente, e a quantidade de alimentos crescendo numa velocidade menor, houve redução no consumo de calorias per capita, o que, por sua vez, teria aumentado a vulnerabilidade da maior parte das pessoas a doenças. A peste só teria tido tamanho impacto porque, antes dela, as condições econômicas e sociais já eram precárias.

Explicações como essa, de tipo malthusiano, oferecem uma espécie de consolo contra o caos. Em vez de serem obra do acaso, do contato fortuito com alguma bactéria nova para determinada população, por exemplo, as tragédias humanas ficam contidas dentro da escala das sociedades e de suas interações econômicas; seguindo uma lógica que, mesmo que escape ao controle dos indivíduos, ao menos é previsível e mais facilmente compreensível.

De uns anos para cá, contudo, têm surgido explicações diferentes, menos deterministas, para esse tipo de fenômeno. Historiadores da Idade Média passaram a considerar a possibilidade de um maior grau de aleatoriedade no surgimento das doenças que afetavam animais e gente, no passado. Em vez de apenas resultado da dinâmica populacional e agrícola, as epidemias teriam uma relativa autonomia em relação aos processos sociais, trazendo de toda forma impactos duradouros sobre as taxas de mortalidade e a capacidade de produção das sociedades. Abre-se, assim, a possibilidade de uma via de mão dupla entre natureza e cultura.

Bruce Campbell é um dos principais defensores de uma interação maior entre fatores sociais e naturais – biológicos e ecológicos – para explicar a história da Idade Média, à maneira do que havia feito Alfred Crosby para a conquista da América. Campbell não nega as pressões demográficas e

as dificuldades de produção agrícola, anteriores à peste, mas chama atenção para uma grande mudança climática ocorrida ainda antes, no final do século XIII.

Depois de duzentos anos de boas condições de temperatura e chuvas, coincidentes com o aumento populacional e a maior integração comercial com a Ásia via Rota da Seda, a Europa conheceu uma redução súbita e importante das temperaturas médias no continente e um aumento dos índices pluviométricos, seguidos por décadas de maior instabilidade climática. Essas alterações atmosféricas provocaram uma sequência de problemas nas safras de alimentos e facilitaram o surgimento de doenças nos rebanhos. Também foram responsáveis, segundo o historiador britânico, pelas condições ecológicas que permitiram à bactéria causadora da peste negra e aos seus vetores – pulgas, empoleiradas em ratos – se multiplicar e chegar à Europa.

Mudanças no sistema “socioecológico” medieval, diz Campbell, “desafiam qualquer relação simples de ‘causa e efeito’” e servem para lembrar que cada estágio da transição do século XIV “foi único, com resultados que eram raramente predeterminados e sempre sujeitos a imprevisibilidades”. “Não houve nada pré-ordenado em relação ao que aconteceu. Em qualquer uma das conjunturas, vários resultados diferentes eram possíveis dependendo das configurações precisas de forças humanas e ambientais. A contingência, portanto, importava, bem como imbricações fortuitas de processos humanos e naturais.”

Essa é uma forma menos tranquilizadora de se compreender a história. Nela, embora se possa explicar a maior probabilidade de doenças infecciosas num mundo cada vez mais conectado, por exemplo, não se pode prever quando a próxima mutação de vírus irá emergir, contaminar humanos e dar origem a uma pandemia – com sabe-se lá que efeitos sociais e econômicos.

“Nós, historiadores, não estamos de modo algum preparados para trabalhar com o acaso”, observou Manolo Florentino, antes de lembrar uma passagem do romance *Moby Dick*, que ele parafraseou. “Tem um certo momento em que o Melville fala o seguinte: Tudo bem, os

acontecimentos são fruto da necessidade, do livre-arbítrio – mas o golpe final cabe ao acaso.”

[1] O título do livro é um jogo de palavras com o sobrenome da protagonista da história, a radialista Genie Chance, e o substantivo *chance* que, em inglês, significa “acaso”. Assim, o título pode ser entendido como “isso é obra do acaso” ou “aqui quem fala é a Chance”.

ASSINE NOSSA NEWSLETTER

Fique por dentro das melhores histórias da piauí

Inscreva-se em nossa newsletter e receba reportagens e outros conteúdos imperdíveis semanalmente



Anexo 2

31/05/2021

O brasileiro cordial

EDIÇÃO 171 | DEZEMBRO_2020

vultos da saúde

O BRASILEIRO CORDIAL

Como um carioca, hoje quase desconhecido, transformou a OMS

PAULO LYRA



Candau e a primeira mulher, em Genebra: sua trajetória incluiu encontros com todo o espectro político do século, de Leonid Brêjniev a Ted Kennedy, de Fidel Castro a Georges Pompidou CREDITO: ACERVO DA OMS, ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE_1950

Sete dias depois que o presidente João Goulart anunciou sua nomeação para ministro da Saúde, o médico Marcolino Gomes Candau, então com 51 anos, desembarcou no aeroporto do Rio de Janeiro. Corria o mês de julho de 1962. Candau vinha da Suíça, onde morava havia nove anos. Em entrevista ao repórter do *Diário Carioca* que

o esperava na chegada, foi lacônico. Disse que ainda não tinha planos para anunciar. Candau fora escalado para integrar um ministério de notáveis. Entre os indicados, estavam Afonso Arinos (Relações Exteriores), José Ermírio de Moraes (Indústria e Comércio), Walther Moreira Salles^[1] (Fazenda), Roberto Lyra (Educação e Cultura) e João Mangabeira (Minas e Energia). Quando os nomes foram aprovados pela Câmara dos Deputados, um requisito do regime parlamentarista de então, o jornal *The New York Times* noticiou o assunto na capa, sugerindo que encerraria a crise política que o governo enfrentava naquele momento. Fazer parte daquela equipe podia ser o auge da carreira pública. No dia seguinte ao seu desembarque no Rio, Candau tomou um avião para Brasília, a então jovem capital federal, para conversar com o presidente.



Durante os 68 dias no Ministério da Saúde, Candau, entre outras medidas, autorizou a construção do Hospital dos Jornalistas, no então estado da Guanabara. No dia 18 de setembro de 1962, pouco mais de dois meses depois da posse, o gabinete caiu e os ministros notáveis deixaram seus postos. Uma exceção era Candau. Naquela viagem a Brasília, ele foi dizer ao presidente João Goulart que não poderia aceitar o cargo – e não aceitou. Nunca foi ministro da Saúde do Brasil, nunca assumiu o posto e nunca tomou qualquer medida como tal, embora até o *Diário Oficial da União* informe que foi ministro por 68 dias e mandou construir aquele hospital. Na conversa com Goulart, Candau disse que não poderia ser ministro – ele não havia sido consultado antes do anúncio – porque precisaria de seis meses de aviso prévio para deixar o cargo que ocupava.

Desde 1953, ele era diretor-geral da Organização Mundial da Saúde (OMS), que começava a ganhar alguma proeminência internacional.

Candau acertou na sua escolha. Evitou integrar um ministério que não chegou a três meses de vida e acabou sendo o grande artífice da transformação da OMS. Em 1953, foi eleito diretor-geral da organização e ficou duas décadas no posto. É o mais longo dirigente da história da OMS. Durante sua gestão, o orçamento cresceu de 9 milhões para 106 milhões de dólares, e a entidade começou a dar o salto que a transformou na organização que é hoje. Na pandemia do novo coronavírus, a maior crise sanitária que enfrenta desde sua fundação, a OMS teve um papel decisivo em defesa da ciência e das pesquisas, na difusão de informações confiáveis e na adoção de medidas de precaução.^[2]

Na época em que rejeitou o ministério, Candau estava lidando com as consequências do escândalo da talidomida, um sedativo que gestantes tomavam sem prescrição médica para combater enjoos e, descobriu-se depois, produzia efeitos colaterais terríveis: causava má formação nos fetos. No correr do ano de 1960, começou a circular a informação de que bebês na Alemanha, na Bélgica e na Holanda haviam nascido com focomelia, uma anomalia rara que se caracteriza pela ausência, ou redução, de braços ou pernas. Foi o maior escândalo médico da história. Fotos de crianças deformadas circularam pelos jornais de todo o mundo. Os Estados Unidos nunca aprovaram a talidomida, que logo foi proibida em vários países da Europa e no Canadá. Em agosto de 1962, a médica Helen Taussig, fundadora da cardiologia pediátrica nos Estados Unidos, mandou uma carta para Candau pedindo que a OMS ajudasse a retirar a droga de circulação de outros países, onde o remédio era vendido com nomes diferentes. Era importante, disse ela, que a OMS passasse a ter um registro internacional de medicamentos, para que todos os países conhecessem os efeitos adversos, independentemente de seus nomes comerciais. O Brasil cassou a licença da talidomida em 1962, mas autorizou sua circulação controlada quase dez anos depois, quando se descobriu sua eficácia contra a hanseníase.

Na época, Candau e sua equipe estavam concentrados na erradicação da malária. As campanhas de eliminação de enfermidades ganharam impulso depois da Segunda Guerra Mundial, graças a extraordinários

desenvolvimentos tecnológicos. Acreditava-se que a ciência já não tinha limites para enfrentar nenhuma doença contagiosa. Em 1955, dois anos depois de Candau tornar-se diretor-geral, os países-membros da OMS aprovaram a ambiciosa meta de erradicar a malária do planeta em cinco anos. A doença ocorria principalmente na zona rural, causava febre e calafrios e matava milhões de pessoas, com grande prejuízo para a agricultura. Campanhas de erradicação da doença se propagaram pelos países, substituindo os antigos programas de controle, que buscavam mitigar o impacto da malária por meio da drenagem de pântanos e administração de quinino aos enfermos. A campanha nunca deu certo.

Candau – ou “Candô”, segundo sua preferência pela pronúncia francesa, usada por seu pai, um francês basco – nasceu na Lapa, no Centro do Rio de Janeiro, morou em Ipanema e casou-se com uma moça do bairro que residia na Avenida Viera Souto, Ena Carvalho. Estudou na então Faculdade Fluminense de Medicina, em Niterói. Formado em 1933, decidiu envolver-se com saúde pública. Suas habilidades administrativas o levaram a trabalhar em várias cidades do interior. Em 1936, chefiou o Posto de Profilaxia Rural de Cachoeiras de Macacu, cidade a pouco mais de 100 km do Rio de Janeiro. A região era uma área agrícola em expansão, entrecortada pela Mata Atlântica e assolada pela malária e pela febre amarela. Dois anos depois, ele já ocupava o segundo posto da Secretaria de Saúde do estado e dava aulas na faculdade. Nessa época, pediu a Fred Soper, o diretor da Fundação Rockefeller no Brasil, uma bolsa para estudar na escola de saúde pública da Universidade Johns Hopkins, em Baltimore, nos Estados Unidos, considerada, já na época, a mais avançada na área. Soper, um epidemiologista nascido numa cidade de 10 mil habitantes no Kansas, prometeu-lhe a bolsa sob duas condições: antes, Candau teria que trabalhar no programa contra a malária no Nordeste brasileiro e perder 10 kg. Candau, que tinha um sobrepeso preocupante para a idade, aceitou o desafio. Passou uma temporada no Nordeste, de onde voltou 15 kg mais magro e pronto para estudar nos Estados Unidos.

A bordo do vapor Mauá, Candau e Ena aportaram em Nova York no dia 12 de agosto de 1940. Ele tinha 29 anos e ela, 25. A Segunda Guerra

Mundial completaria 1 ano naquele mês, mas os Estados Unidos ainda não participavam do conflito. Dois meses depois do desembarque do casal, as tensões cresceram e o governo norte-americano começou a registrar todos os estrangeiros no país. O passaporte diplomático e o patrocínio da Fundação Rockefeller não isentaram Candau da medida: ele foi fichado e suas impressões digitais foram colhidas. Foi nesse mundo polarizado que as habilidades diplomáticas – e a sorte – iriam marcar a trajetória exitosa de Candau. Seis meses depois de sua formatura e da volta do casal ao Brasil, os Estados Unidos entraram na guerra. A indústria bélica de Baltimore atraiu 200 mil norte-americanos. O hospital e os laboratórios da Johns Hopkins foram colocados a serviço do esforço de guerra.

Na década de 1940, longe do conflito, Candau trabalhou em um programa financiado pelos Estados Unidos para melhorar a saúde dos “soldados da borracha” na Amazônia, o Serviço Especial de Mobilização de Trabalhadores para a Amazônia, depois expandido para todas as populações da região. Nesse posto, cresceu sua fama de gestor competente, que se consolidou quando se transferiu para o recém-criado Serviço Especial de Saúde Pública (Sesp). Era uma agência bilateral – Brasil e Estados Unidos –, concebida inicialmente para promover o saneamento de regiões da Amazônia que produziam borracha e do Vale do Rio Doce, onde se explorava o minério de ferro e a mica, matérias-primas necessárias ao esforço de guerra. Nesse período, como se estivesse predestinado a se projetar no cenário internacional, apareceu numa reportagem publicada pela revista *Time*, que citou seu “rosto redondo” e fez menção elogiosa ao seu trabalho no Sesp.

Em 1945, quando ele já trabalhava havia um ano no Sesp, um brasileiro teve uma ideia que mudaria para sempre a trajetória de Candau e teria impacto na vida de 2 bilhões de pessoas. Naquele verão do hemisfério Norte, o paulista Geraldo de Paula Souza sentou-se para almoçar com um médico chinês, Szeming Sze, em São Francisco, na Califórnia. O Brasil e a China foram os únicos países que enviaram médicos para a Conferência de São Francisco, que oficializou a criação das Organizações das Nações Unidas (ONU). Entre goles e garfadas,

Paula Souza e Szeming tiveram a ideia de criar, sob o guarda-chuva da ONU, uma organização global para cuidar da saúde. A proposta de última hora foi submetida ao plenário e aprovada. Nascia assim a OMS. Três anos depois, a organização saiu do papel.

Em 1947, Fred Soper deixou a Fundação Rockefeller para dirigir a Organização Pan-Americana da Saúde (Opas), em Washington. Fundada em 1902, a Opas travava exaustivas negociações para tornar-se um braço regional da OMS no continente americano sem, no entanto, perder sua autonomia. Enquanto ocorriam esses desdobramentos lá fora, Candau continuou prosperando em sua carreira no Brasil. No mesmo ano de 1947, assumiu a superintendência do Sesp e foi escolhido como presidente do Congresso Brasileiro de Higiene. Dois anos depois, em 1949, criou a Escola de Enfermagem de Manaus. Dando vazão à sua visão humanitária, publicou um artigo na *Revista do Sesp* em que denunciava a falta de acesso à assistência médica da população rural e de trabalhadores informais.

Pouco depois, passou a lecionar no Instituto Oswaldo Cruz, que mais tarde seria integrado à Fiocruz. Foi seu último cargo no Brasil, desconsiderando o ministério-fantasma no governo João Goulart. Em 1950, por indicação de Paula Souza, Candau foi convidado para trabalhar na OMS, em Genebra, como diretor da Divisão de Organização dos Serviços de Saúde. Dois anos depois – mudou-se para Washington –, como subdiretor do seu padrinho Fred Soper, a quem chamava carinhosamente de “comandante”. Uma de suas tarefas era aprimorar as relações entre a OMS e a Opas. Ficou apenas catorze meses no posto. Em março de 1953, voltou para GenebraOMS. Tinha 42 anos.

A OMS era um organismo ainda indefinido, de futuro incerto. Sua função resumia-se a melhorar a atenção à saúde promovida pelos países em desenvolvimento. Candau sucedeu ao psiquiatra canadense Brock Chisholm, que não quis se candidatar à reeleição. Veterano da Primeira Guerra Mundial, Chisholm era um excelente orador e um defensor intransigente do secularismo, do planejamento familiar, da redução da pobreza e da assistência social, uma agenda pouco popular na época. Entre outros pontos de vista controversos, dizia que crianças não deviam ser encorajadas a acreditar em Papai Noel. Ganhou o apelido jocoso de “o

homem bravo mais famoso e articulado do Canadá”. Na OMS, teve um papel fundamental na definição das atribuições da organização. Insistiu para que ela se chamasse “Mundial”, para colocar-se acima das divisões impostas pelas fronteiras, e não “Internacional”, como fora inicialmente proposto. Ajudou a definir o que a OMS entende por “saúde” como “um estado de completo bem-estar físico, mental e social, e não apenas a ausência de doença ou enfermidade”.

Candau não era o favorito para o cargo de diretor-geral, e sim o coronel M. Jafar, do Paquistão. Oito candidatos foram apresentados ao Comitê Executivo da OMS, formado por dezoito países, no qual os Estados Unidos eram representados pelo mentor de Candau, Fred Soper. A Inglaterra apoiava Jafar. A França, a Bélgica e os Países Baixos apoiavam o italiano Giovanni Canaperia. A cada rodada, o candidato menos votado era eliminado. Nas rodadas seis, sete e oito, Jafar e Candau empataram com 9 votos cada um. Finalmente, no nono sufrágio, um delegado mudou de voto e Candau ganhou a eleição por 10 votos a 8. Talvez tenha havido um empurrão de Chisholm. Contrariando as regras, o então diretor-geral fez campanha aberta para Candau. A França e a Inglaterra, furiosas com o resultado, espalharam boatos sobre o brasileiro e ameaçaram derrubar sua candidatura no plenário da Assembleia Mundial da Saúde, que deveria referendar a recomendação do Comitê Executivo. Não conseguiram. Candau foi referendado por larga margem, 47 votos contra 16. Votaram contra, em sua maioria, países árabes e asiáticos insatisfeitos com a derrota do paquistanês.

No discurso de posse, Candau fez uma homenagem a Paula Souza, que falecera havia dois anos. O recém-eleito secretário-geral da ONU, o economista sueco Dag Hammarskjöld, participou da cerimônia. Hammarskjöld tinha algumas coisas em comum com Candau, a começar pelo fato de que também era um azarão. No primeiro dia de abril de 1953, quando um jornalista telefonou para informá-lo que havia ganhado o posto, o sueco pensou que era um trote do Dia da Mentira. Hammarskjöld tinha 47 anos. Até hoje, ele e Candau são os mais jovens dirigentes eleitos da ONU e da OMS. Os dois se reencontraram várias vezes. Em julho de 1960, já no segundo mandato de ambos, estiveram juntos no Congo, para ajudar a estruturar o país, que se tornara independente da Bélgica. Candau queria treinar novos médicos e

enfermeiros, pois muitos profissionais haviam emigrado em massa com medo da ameaça de guerra civil, que acabaria deixando 100 mil mortos. Ele estimava que seriam necessários quinze anos para que o serviço de saúde do Congo voltasse ao nível de antes da independência. Hammarskjöld tentava estabelecer um acordo entre as facções pró-Estados Unidos e o grupo pró-União Soviética, que estavam em conflito. Um ano depois, o sueco morreu quando voltava de negociações para um cessar-fogo. O dc-6 em que viajava caiu. Até hoje, há uma investigação sobre as verdadeiras causas do acidente.

Na mesma reunião de 1953 em que elegeram Candau, os países-membros da OMS discutiram a proposta de erradicação de outra doença: a varíola. Não era a primeira vez que se debatia o tema, mas foi a primeira em que uma proposta foi formalmente votada – e perdeu. Dois anos depois, no entanto, a OMS aprovou a campanha para erradicar a malária. Havia grandes esperanças de sucesso, sobretudo com as notícias auspiciosas da eficiência da aplicação do DDT – já usado na agricultura – para eliminar os mosquitos transmissores ao redor dos lugares de moradia. Candau achava “maravilhosa” a nova geração de drogas contra doenças como tifo, hanseníase e tuberculose, e costumava elogiar o DDT e outros “poderosos” inseticidas.

(Milhões de toneladas de DDT foram usados no mundo todo e ajudaram a eliminar a malária da Europa e dos Estados Unidos. Com o passar do tempo, os mosquitos se tornaram resistentes ao DDT. Logo depois se descobriu que, além de eliminar insetos, ele também causava câncer. O DDT era a talidomida da vez. Em 1962, a revista *New Yorker* publicou três capítulos da obra *Primavera Silenciosa*, na qual Rachel Carson criticava duramente o uso indiscriminado de agrotóxicos e documentava, com base em resultados de pesquisas públicas e privadas, seu efeito negativo sobre plantas e animais. O presidente John Kennedy leu os manuscritos do livro, que se tornou um best-seller instantâneo e permaneceu muitos anos como uma das obras mais citadas sobre o assunto. Estava nascendo o movimento ambientalista moderno. Hoje, o uso de DDT na agricultura e no combate à malária foi abandonado na maior parte do mundo.)

A ideia de erradicar a varíola voltaria à pauta em 1959. Na época, Candau e a vasta maioria dos funcionários da OMS ainda tinham esperanças de erradicar a malária dentro do prazo estabelecido e continuavam contrários à ideia de começar outra campanha. Achavam que a varíola tinha que esperar. Literalmente, faltou combinar com os russos. O bloco socialista liderado pela União Soviética, que abandonara a OMS em 1949, anunciou sua volta à entidade em 14 de fevereiro de 1956. Onze dias depois, o líder Nikita Krushev denunciou os crimes de Stálin no 20º Congresso do Partido Comunista. Era um novo cenário global e os soviéticos estavam interessados em atenuar a escalada da Guerra Fria. Com a intenção de abrir uma área de cooperação com os norte-americanos, apresentaram a proposta de erradicar a varíola, que então matava 2 milhões de pessoas ao ano. Num esforço derradeiro para evitar a dispersão dos esforços contra a malária, Candau advertiu à assembleia da OMS que a erradicação da varíola exigiria um alto gasto – cerca de 20 milhões de dólares, em valores de hoje. Para sua surpresa, os países aceitaram a conta. A OMS ganhou uma nova missão: vacinar 1,1 bilhão de pessoas contra a doença.

Na lenta montagem da campanha contra a varíola, Candau, querendo compartilhar as responsabilidades de um possível fracasso, acabou convidando Donald Henderson, funcionário do Centro de Controle e Prevenção de Doenças (CDC) norte-americano, para chefiar o novo programa. Cético, Henderson recusou a missão. Só aceitou depois que o CDC informou que, se não aceitasse, seria demitido. Henderson não apenas assumiu o cargo como conseguiu trabalhar bem com os soviéticos. Levou anos de empenho, tal como se previra, mas foi um sucesso absoluto. Depois de matar 300 milhões de pessoas no século XX, a varíola foi erradicada em 1980 – no Brasil, não há casos desde 1973. Foi a única doença humana a desaparecer até hoje. A poliomielite, o sarampo e a raiva estão na fila, mas os prognósticos não são animadores. Em 2017, Bill Gates, um dos líderes globais da luta pela erradicação da poliomielite, chegou a anunciar que aquele seria “o último ano” da doença. Em agosto de 2020, a OMS anunciou a erradicação da doença na África, uma grande conquista, mas o vírus continua circulando na Ásia, que já registrou 102 casos neste ano.

Nos vinte anos em que Candau esteve à frente da OM, o número de países-membros aumentou de 81 para 138, entre eles várias ex-colônias que conquistaram a independência. Também na sua gestão, os diretores regionais da OMS passaram a ser eleitos pelos países de cada região, e não mais apontados pelo diretor-geral. Candau conseguiu ampliar as responsabilidades da OMS. Um grupo mais conservador propunha que a parte médica em seus aspectos mais acadêmicos, como a coordenação dos esforços globais para definir protocolos de tratamento e vacinação, deveria ficar a cargo da Unesco e das organizações não governamentais. A Unesco não contava com pessoal qualificado e a OMS ocupou o espaço no qual, hoje, é a maior referência mundial. A organização também passou a trabalhar com o controle de qualidade dos medicamentos, depois da crise da talidomida, e a coordenar pesquisas mundiais em áreas como câncer, doenças cardiovasculares, genética humana, imunologia e virologia.

Uma dúzia de países – a maioria do antigo bloco socialista – lançou selos comemorativos para celebrar a inauguração da nova sede da OMS em 1966, construída na metade do mandato de Candau, um imponente edifício de oito andares. O saguão principal do prédio ostenta um gigantesco mural do gaúcho Iberê Camargo, um projeto financiado pelo governo brasileiro. Candau encontrou-se várias vezes com o pintor, que realizou a obra de 7 por 7 metros durante a construção do prédio. Em novembro de 1964, Iberê Camargo escreveu uma carta a Candau em francês, explicando os detalhes da obra. Também fez perguntas sobre as madeiras disponíveis na Suíça. Explicou que ouvira dizer que o cedro suíço tinha boa qualidade. A dica lhe fora dada por um discreto conselheiro da embaixada para as Nações Unidas: João Cabral de Melo Neto. Se tudo desse certo, informou o pintor, ele começaria a trabalhar no mural em maio, passado o inverno europeu. Em abril de 1966, Candau informou à embaixada do Brasil, também em francês, que Iberê Camargo teve que interromper a pintura a óleo por causa da poeira da construção do prédio e do frio excessivo, que congelava as mãos. A obra final, em tons de vermelho, cinza e azul, chama atenção pelo abstracionismo radical. Aos que indagavam o que representava o gigantesco mural, com sua aparente falta de harmonia entre a pintura e o caráter técnico-científico da instituição, Iberê Camargo dizia: “Você, ao ver pela primeira vez um gato, se surpreendeu? Aceita as árvores? Acostume-se com as

novas formas criadas, elas enriquecem o mundo. Além do mundo de Deus, existe o mundo do artista.” Dois anos depois, foi a vez de o “mundo de Deus” se manifestar. Em 1968, o papa Paulo VI mandou uma carta a Candau afirmando que “o ímpeto dado à OMS nessas duas últimas décadas por seus diretores, membros e especialistas, e a extensão e a qualidade do trabalho realizado, são promessas de que esta grande organização internacional continuará a desenvolver essa atividade em favor da humanidade”.

Candau saudava a todos com um sorriso. Abraçava e dava tapinhas nas costas. Tinha uma habilidade de dizer claramente o que acreditava sem alienar os que pensavam diferente. Sabia negar um pedido com maestria. Em 1961, escreveu uma carta em tom pessoal a Ernest Stebbins, reitor da escola de saúde pública da Johns Hopkins, para informar que não poderia ceder um funcionário da OMS à escola onde fez pós-graduação. “Não sei bem como responder ao seu pedido”, começa o primeiro parágrafo, seguido de elogios ao programa da universidade. No segundo parágrafo, volta ao tema: “Estive conversando com meus colegas sobre como responder ao seu pedido.” A palavra “não” somente aparece na 11ª linha, acompanhada de alternativas (a cessão não se consumou, mas o funcionário foi dar aulas em Hopkins depois do término de seu contrato com a OMS). Graças a essas habilidades diplomáticas, a OMS seguiu um curso independente das correntes políticas e foi até um espaço de aproximação de diferentes grupos. Todos confiavam em Candau, começando pelos que mais desconfiavam uns dos outros.

Com esse capital político, o brasileiro teve a oportunidade de abraçar algumas causas controversas. No início da sua gestão, preferia não tratar de planejamento familiar na OMS, mas paulatinamente adotou a agenda, apesar da resistência dos países mais religiosos. Ele também incluiu a OMS nas discussões sobre o uso de energia atômica e pediu que os países tomassem providências para evitar a exposição da população à radiação.

Candau teve encontros com todo o espectro político do século, de Leonid Bréjnev a Ted Kennedy, de Fidel Castro a Georges Pompidou. O convívio com presidentes, monarcas e chefes tribais exigia cuidados na apresentação. Em muitas fotos, ele era a figura que se vestia com maior

formalidade. Numa visita a um projeto de saneamento num vilarejo no Norte da Índia, aparece com o paletó e o colete totalmente abotoados, ressaltando os quilos a mais. No bolso esquerdo, lenço dobrado no estilo “coroa”, com três pontas para cima. Raramente era visto em público de óculos, que usava apenas para leitura. Também se via pouco de seu cabelo, que, bem engomado, era penteado para trás, destacando a calva frontal que surgiu aos 40 anos. Seu traço estético mais marcante era o bigode lápis, bem negro, rigorosamente retangular, que flutuava sobre a boca sem cobrir o lábio superior.

Com exceção das recepções para o Comitê Executivo da OMS, para o qual abria as portas de sua casa à beira do Lago de Genebra, sua vida pessoal era discreta. Candau sofreu dois infartos, em 1966 e 1969, que não foram divulgados ao público e, inicialmente, nem à sua própria família. Em ambas as ocasiões, contra as ordens de seu médico, retomou prontamente o trabalho, inclusive participando da assembleia anual da OMS. Em maio de 1961, encomendou uma missa de ação de graças na Paróquia Nossa Senhora da Paz, em Ipanema, para celebrar as bodas de prata com Ena. Poucos meses depois, no entanto, veio a separação. Sua mulher não queria seguir vivendo na Suíça. Ela gostava de receber convidados. Quando encontrava feijão preto na cidade, servia feijoadada. Tocava piano de ouvido, e Candau sempre insistia que se apresentasse para os convidados. Mas o Rio de Janeiro era o seu mundo. Depois de separada, trabalhou muitos anos como voluntária no Hospital Miguel Couto e organizou eventos para arrecadar fundos para alimentos e artigos de higiene destinados a doentes e familiares.

Em 1973, Candau deixou a OMS. Apoiou a ascensão de Halfdan Mahler, um dinamarquês carismático que combatera a tuberculose no Equador e na Índia. Mahler representava uma nova geração, que priorizava uma abordagem mais social e econômica, que depois ficou conhecida como “atenção primária à saúde”, uma mudança que encontrou muita resistência na OMS, onde muitos ainda defendiam a abordagem predominantemente vertical, de atacar uma doença de cada vez. Consta que alguns países queriam que Candau se candidatasse a um quinto mandato. Ele se recusou. “Estou velho (tinha 62) e preciso dar lugar a uma outra geração”, disse. Não estava velho demais, no entanto, para oficializar sua união com Sîtâ Reelfs. Casou-se com a suíço-holandesa

com quem vivia havia vários anos. Reelfs trabalhava na OMS e falava oito idiomas, inclusive um perfeito português. Fumava muito e dizia-se descendente da família imperial russa. Também tocava piano muito bem.

Para a família, havia dois Candaus. Um era o homem que gostava de música, conversar, rir e comer bem. Dirigia seu Chevrolet azul por 63 km de Genebra a Lausanne só para comer *poulet crémeux aux champignons* (frango cremoso com cogumelos), um de seus pratos favoritos. Era também pai e avô austero, um “general”, segundo uma neta, sobretudo com os horários. Se o jantar era às 19 horas, as crianças tinham que estar pontualmente aguardando de pé ao lado da mesa, vestidas e banhadas. Havia um talher para cada parte da refeição e um copo para cada ocasião. Certa vez, uma das netas chegou a quebrar uma taça de cristal na boca, de tão apreensiva que estava com a rígida etiqueta. Nas viagens ao Brasil, gostava de ficar no sítio da família em Casimiro de Abreu, no interior do Rio de Janeiro. Num desses passeios, seu filho caçula, Nelson Candau, que trabalhava com teatro e cinema, sofreu um acidente de moto. Já era adulto, casado e tinha seus próprios filhos, que estavam no sítio. Ele sabia que o pai não aprovava motos – muito perigosas. Depois do acidente, voltou para casa fingindo que estava bem. Informou a todos que a família precisava partir, sem dar mais detalhes. Somente no carro, a caminho de um hospital, informou à família sobre o acidente. Preferia esconder a dor a levar uma bronca do pai.

Aposentado, Candau continuou morando em Genebra e era presença frequente nas reuniões da OMS. Para passar algumas temporadas no Brasil, comprou um apartamento num condomínio na Barra da Tijuca, que depois trocou por um imóvel em Ipanema, retornando ao bairro em que crescera. A casa onde morou na juventude ainda existe, na Rua Alberto de Campos, também em Ipanema. Em 1983, dez anos depois de deixar a OMS, Candau morreu de câncer no pulmão. O corpo foi cremado em Genebra e as cinzas foram espalhadas no jardim de sua casa. *O New York Times* e o *Le Monde* publicaram seu obituário. “Um brasileiro caloroso, combativo e perseverante”, que “não tinha medo de fórmulas de choque ou de ideias novas”, registrou o jornal francês.

“Pode haver um pequeno número de médicos de estatura comparável, mas nenhum que possa igualar sua contribuição à prevenção de doenças, promoção da saúde e, acima de tudo, ao cuidado de pessoas”, escreveu o ex-médico-chefe do Reino Unido, sir George Godber, na ocasião. Tinha uma admiração especial pelo brasileiro. “Candau era um homem cordial, despretensioso e amigável. Podia lutar ferozmente em defesa de sua equipe, mas não tinha nenhuma preocupação com o seu próprio status.” Suas qualidades intelectuais eram das mais elevadas, disse Godber, mas ele nunca foi o especialista condescendente que algumas pessoas de altas posições se tornam.

Por muitos anos, Sitâ Reelfs guardou caixas com fotos e condecorações de Candau num apartamento fechado em Morges, uma pitoresca cidade às margens do Lago Léman, a 44 km de Genebra. Reelfs morava em um hotel para idosos na mesma cidade e havia pouco tinha reatado contato com os filhos e netos do primeiro matrimônio de Candau. Ela faleceu em março passado, aos 97 anos.

Em contraste com a sua projeção internacional, a informação sobre Candau no Brasil é quase inacessível. Em Brasília, sua foto aparece na galeria de 24 sanitaristas famosos do Ministério da Saúde, mas fica num hall privativo. No Rio de Janeiro, a Fiocruz tem 150 documentos no seu acervo eletrônico, mas é preciso fazer um pedido para acessá-los. Os textos em português são raros. Uma minibiografia apareceu na Wikipédia há quatro anos, dez anos depois da versão em inglês. As homenagens são modestas. A Universidade Federal Fluminense (UFF) lhe rendeu tributo numa recente comemoração no Dia Mundial da Saúde. No Rio de Janeiro, há um centro de saúde com o seu nome, no bairro de Cidade Nova. Em Niterói, ele batiza uma discreta rua residencial de 230 metros e uma sala no Centro Universitário LaSalle. Não se conhece nenhum hospital, faculdade de medicina, cátedra, ou biblioteca que leve seu nome.

E, no entanto, foi graças a Candau e a seus sucessores que o vírus da varíola não pode ser mais encontrado na natureza. Só existe em dois laboratórios de biossegurança nível 4, um norte-americano e outro russo, guardados em freezers a -80°C. A malária, no entanto, continua ativa e sua eventual erradicação necessitará do esforço de novas gerações de sanitaristas. Até hoje Cachoeiras de Macacu, a cidadezinha em que

Candau trabalhou na década de 1930, tem uma das maiores incidências de malária no estado do Rio de Janeiro.

[1] [Walther Moreira Salles é pai do fundador da piauí.](#)

[2] A atuação da OMS levou o presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, a boicotar a organização, repetindo o mesmo gesto isolacionista que a União Soviética adotou em 1949. Em maio passado, Trump anunciou que deixaria a organização e, em julho, oficializou o afastamento da entidade, da qual os Estados Unidos são os principais financiadores. O presidente Jair Bolsonaro, como de costume, seguiu Trump e também ameaçou que o Brasil poderia abandonar a entidade. Acusou-a de atuar com “viés ideológico”. Até agora, no entanto, não tomou nenhuma providência nesse sentido. (N. R.)



